



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARIA ELISA GOMES LEMOS

**A CONSTITUIÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM SALVADOR COMO
PRÁTICA EDUCATIVA**

Salvador
2018

MARIA ELISA GOMES LEMOS

**A CONSTITUIÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM SALVADOR, BAHIA,
COMO PRÁTICA EDUCATIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior

Salvador
2018

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Lemos, Maria Elisa Gomes.

A constituição da ginástica rítmica em Salvador como prática educativa / Maria Elisa Gomes Lemos. – 2018.

82 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

1. Ginástica rítmica - Salvador (BA) - História. 2. Práticas educativas. I. Rocha Junior, Coriolano Pereira da. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 796.443 – 23. ed.

MARIA ELISA GOMES LEMOS

**A CONSTITUIÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM SALVADOR, BAHIA,
COMO PRÁTICA EDUCATIVA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Salvador, 15 de janeiro de 2018.

Banca Examinadora

Coriolano Pereira da Rocha Junior – Orientador
Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Hélio José Bastos Carneiro de Campos
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.
Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Roberta Cortez Gaio
Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.
Centro Universitário Salesiano de São Paulo/Liceu/Campinas, Brasil.

*Para os meus filhos,
que são o meu maior porto seguro
nos momentos de angustia e alegria.*

AGRADECIMENTOS

Depois de tanto tempo na estrada da educação, atuando na formação de professores, finalmente comecei meu mestrado tendo como orientador o professor Coriolano Pereira da Rocha Junior, sim Cori, a quem agradeço pela disponibilidade, atenção, compromisso e acima de tudo respeito à formação docente. Sou muito mais do que grata, pois com sua propriedade de mestre, estudioso da História da Educação Física e da História Cultural, possibilitou efetivamente a realização deste estudo, demonstrando em todos os momentos seu interesse na formação de novos pesquisadores, frutos de uma parceria saudável na área da pesquisa em Educação Física.

Você não precisa de admiradores, mas ganhou uma, pelo respeito, responsabilidade, carinho e amizade com que nos trata. Nunca esquecerei sua segurança e simplicidade em passar os conteúdos, revisão dos capítulos, pelos textos indicados e discussões em grupo e individualmente, o que me faz acreditar que podemos realmente ser facilitadores na produção do saber e também na transmissão do conhecimento.

Esta etapa foi muito difícil! A dificuldade em superar anos e anos sem exercitar a pesquisa e a escrita, ufa! Mas o que teve de agradável não tem limites, supera todas as topadas que aconteceram no caminho. Sou a caloura mais velha do grupo, e no lugar de ensinar, aprendi muito!

Quanto à dissertação, não conseguiria prepará-la sozinha, apesar de seu caráter individual, pois é necessário muitas vezes ouvir outras interpretações, e os meus alunos do Curso de Educação Física da UFBA, foram importantes por suas valiosas presenças e importantes contribuições dadas durante os encontros em sala de aula no trato da história da Ginástica Rítmica.

Aos professores e funcionários da UFBA, amigos que acompanharam com prestimosa colaboração e atenção todos os momentos das atividades acadêmicas e funcionais, evidenciando a sua competência colaborativa sempre que necessária.

Aos membros do Grupo CORPO – Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação, que pelas curvas se mostrou perfeito no entrosamento das discussões e construção dos trabalhos de seus componentes, planejamentos de projetos acadêmicos, e da “festa na laje”. Pelas valiosas observações apontadas nas

diferentes etapas deste estudo, e muito mais se contarmos a cooperação prestada possibilitando registros, referências da leitura mais adequada, contribuindo para o enriquecimento desta escrita.

Primeiro minha turma, Aline pelas lições sobre a História, Nova História e História Cultural, nossa, aja história! A clareza na escrita de Alagoinhas – Liz. Viviane pontual e companheira, Rúbia dona da cadeira, Wilson, não sei como aguenta este mulherio, Amanda, sempre ocupada e Carmen que veio do Pará para olhar os textos com o carinho da “mana”. Bruno e Ricardo, Quanta gente boa!!! Obrigado por me ensinarem a usar a palavra para construir o texto.

À memória de João Alfrêdo Soares de Quadros, aquele que confiou para que esta história começasse, aos colegas e funcionários do SESI, de ontem e sempre, que durante muito tempo foi à referência da Ginástica Rítmica em Salvador. Aos professores e colegas da primeira turma do Curso de Educação Física da Ucsal – 1975, representados aqui por Cacilda Souza, que honradamente substituí na Ucsal e Ufba.

Minhas ginastas, quanto egoísmo! Começamos juntas a trabalhar no SESI – Centro de Atividades de Itapagipe, e como família participou de momentos importantes dentro e fora das quadras, ou melhor, do tapete da GR. Tapete, que tapete?

Agora que estou aprendendo a lidar com a história compreendo, em parte, o quanto fizemos e somos responsáveis pela construção e evolução da Ginástica Rítmica em Salvador. Partimos das maçãs de madeira, bambolês comprados nas lojas de brinquedo, transformados em arcos, bola chuveirinho e fitas com estiletes de madeira, nos tornamos eternamente responsáveis pela amostra que proporcionou o laboratório de construção da modalidade na década de setenta.

Enfim agradeço aos personagens de sangue, minha família, importantíssimos. Aqueles que diretamente e durante todos os momentos na construção desta dissertação, estiveram juntos na alegria, no socorro às dificuldades digitais, na ausência, sendo muito bom ter agora, a oportunidade e a certeza de poder expressar minha gratidão, respeito, amizade, confiança e muita admiração pelos meus filhos, Isadora, João Paulo e a netinha Manuela. São lindos de corpo e alma.

Sou muito feliz, obrigado!!!

*A arte não é, de modo nenhum, necessária.
Tudo o que é preciso para tornarmos o mundo mais
habitável é o amor!*
Isadora Duncan

LEMOS, Maria Elisa Gomes. **A constituição da ginástica rítmica em Salvador, Bahia, como prática educativa.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

O texto aqui apresentado aborda a Ginástica Rítmica (GR) e seu percurso como prática educativa e esportiva em Salvador, Bahia. Nossa questão de estudo é: como se deu a introdução e o desenvolvimento desta modalidade como prática esportiva e educativa em Salvador? De forma secundária, podemos também perguntar: quais foram os personagens atuantes nesse processo, e como se deram as experiências com a modalidade nos cursos superiores de Educação Física da Bahia? A partir das questões citadas, apontamos como hipótese, a compreensão de que o desenvolvimento da ginástica se deu atrelado à instalação da Educação Física, como curso superior na Bahia e isto, por permitir a formação de profissionais que assumiram relações profissionais com esta prática. Nessa conjuntura, nosso objetivo foi tecer um panorama explicativo sobre a experiência histórica da Ginástica Rítmica na década de 1970 e por dentro disso, interpretar os aspectos específicos da modalidade, para melhor entender as expressões assumidas na sociedade, com o passar dos anos. A justificativa do estudo toma por base o próprio valor do esporte, como dimensão social e mais, por acreditarmos numa dupla expressão da prática. A metodologia utilizada foi a Nova História Cultural e como fontes usamos documentos, periódicos e entrevistas, dentro do recorte temporal dos anos de 1970. Como resultados identificamos que a GR se desenvolveu na cidade tendo as escolas como espaço central e as chamadas “escolinhas” também foram fundamentais. A modalidade tomou vulto a partir da formação de novos profissionais em Educação Física, sempre contando com personagens e espaços sociais que atuaram diretamente com este esporte na cidade.

Palavras-chave: Ginástica rítmica – História – Salvador (Ba.). Práticas educativas.

LEMOS, Maria Elisa Gomes. **The constitution of rhythmic gymnastics in Salvador, Bahia, as an educational practice.** Dissertation (Master's Degree) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ABSTRACT

The text presented here deals with Rhythmic Gymnastics (GR) and its course as an educational and sports practice in Salvador, Bahia. Our question of study is: how did the introduction and development of this modality take place as a sports and educational practice in Salvador? Secondly, we can also ask: what were the characters that were active in this process, and how did the experiences with the modality take place in the higher courses of Physical Education in Bahia? Based on the aforementioned questions, we hypothesized that the development of gymnastics was linked to the establishment of Physical Education, as a higher education in Bahia, and this, because it allowed the formation of professionals who had professional relations with this practice. At this juncture, our objective was to provide an explanatory panorama about the historical experience of Rhythmic Gymnastics in the 1970s and, within that, to interpret the specific aspects of the modality, to better understand the expressions assumed in society over the years. The justification of the study is based on the value of sport itself, as a social dimension and more, because we believe in a double expression of practice. The methodology used was the New Cultural History and as sources we used documents, periodicals and interviews, within the temporal cut of the 1970s. As results we identified that GR developed in the city having schools as central space and so-called "schools" too were fundamental. The modality took shape from the formation of new professionals in Physical Education, always counting on characters and social spaces that acted directly with this sport in the city.

Key words: Rhythmic gymnastics - History - Salvador (Ba.). Educational practices.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAT	Centro de Atividades
CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
COI	Comitê Olímpico Internacional
DEFEBA	Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes
DEFRE	Divisão de Educação Física Recreação e Esportes
ENEFD	Escola Nacional de Educação Física e Desportos
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FIG	Federação Internacional de Ginástica
GPT	Ginástica para Todos
GR	Ginástica Rítmica
ICEIA	Instituto Central de Educação Isaías Alves
JEB`S	Jogos Escolares Brasileiros
PMS	Prefeitura Municipal do Salvador
RFEG	Federação Espanhola de Ginástica
SESI	Serviço Social da Indústria
SETRADES	Secretaria do Trabalho Emprego e Renda
SMED	Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Esporte e Lazer
SUDESB	Superintendência de Desportos do Estado da Bahia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antecedentes da Ginástica Rítmica (GR)	22
Figura 2 - Equipe de GR - SESI 1975	37
Figura 3 - Equipe SESI - JEB's 1982	38
Figura 4 - Equipe SESI - JEB's 1986	38
Figura 5 - I Curso de Iniciação Esportiva no SESI	39
Figura 6 - Programa de Esporte do SESI	50
Figura 7 - Grupo Mirim de GR do SESI	53
Figura 8 - Premiação Equipe Mirim Individual	53
Figura 9 - João Alfrêdo premiando Nuzânira Milhas	53
Figura 10 - Grupão SESI 1976	53
Figura 11 - Premiação Estadual de GR, 1976	58
Figura 12 - Quarteto Mãos Livres (ML) - Cidade de Jequié, Ba, 1977	58
Figura 13 - SESI Bahia JEB's, 1987	58
Figura 14 - Sala de aula CAT - Itapagipe	58
Figura 15 - Competição de GR no espaço SESI - Itapagipe, 1978	62
Figura 16 - Maria Lúcia Maltez em atividade de GR com arco, no ICEIA na década de 1950	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 HISTÓRIA DA GINÁSTICA RÍTMICA	27
2.1 BAHIA DE TODOS OS SANTOS E CANTOS DA GINÁSTICA RÍTMICA	27
3 AS PRÁTICAS DA GINÁSTICA RÍTMICA, SUAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS E A CIDADE DE SALVADOR	41
3.1 A GINÁSTICA RÍTMICA, SUAS BASES E FUNDAMENTOS	41
3.2 A GINÁSTICA RÍTMICA COMO UMA PRÁTICA CORPORAL E SOCIAL FEMININA	44
3.3 OUTRAS FORMAS DE PENSAR A PRÁTICA	47
3.4 A GINÁSTICA RÍTMICA EM SALVADOR	48
4 A GINÁSTICA RÍTMICA NA BAHIA: PERSONAGENS E FATOS	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A	81
ANEXO A	82

1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais fazem parte do cotidiano das pessoas, representadas nas mais diferentes expressões e com diversos sentidos. Sua presença pode ser identificada em jogos infantis, atividades circenses, pinturas, jogos de armas, ações educativas, práticas laborais, serviços domésticos, enfim, num universo grande de movimentos, no fazer diário de cada um. Soares (1998) nos apresenta visualmente, em tempos históricos diferentes, suas representações, caracterizando as relações que o homem assume com as atividades do corpo.

Flores (2015, p.10), afirma que o trato com o corpo “[...] passa de um elemento natural, de ajuste ao meio, a um processo sistematizado, composto com fins de alcançar objetivos variados”. Ou seja, em associação ao próprio processo de adaptação às circunstâncias variadas, o corpo e suas expressões, também foram se adaptando.

Observando este quadro, entendemos que o ser humano tem uma visão de si, que é influenciada pela percepção de seu corpo, em função das singularidades de suas habilidades, tanto as inatas, quanto as que são adquiridas e desenvolvidas através de brincadeiras, jogos, esportes, danças, lutas e capoeira, e também a ginástica.

Considerando que dos diversos tipos de atividades que podem ser vividas corporalmente pelo indivíduo, nos interessa aqui especificamente a ginástica. Sobre esta, encontramos em Flores (2015, p. 13) a seguinte definição:

[...] onde a vemos como uma prática corporal, que lida com movimentos, que vão, dos naturais e espontâneos, aos sistematizados e padronizados, podendo ter múltiplas formas de execução, objetivos variados, processos diversos de organização, fazer uso ou não de equipamentos, contar ou não com músicas, além de poder ser praticada em diferentes locais. Ainda, reconhecemos que a atividade ginástica, como uma prática humana, acaba assumindo feições que representam aspectos da cultura, seja ela local ou global.

As atividades ginásticas, como uma das expressões corporais humanas, englobam modalidades competitivas e não competitivas e envolvem uma série de movimentos naturais que fazem parte do cotidiano de todo ser e podem se manifestar como elemento de comunicação e expressão, para fins que podem ser únicos na rotina diária, pois movimentar-se é uma condição de vida. E mais, de

acordo com Flores (2015, p.14), a ginástica também se constitui como uma prática cultural:

Neste sentido, entendemos que a ginástica, seja de que tipo for, traz em si, em sua construção e significação, elementos que margeiam as dinâmicas culturais locais e globais, podendo ser mesmo uma representação de um perfil localista ou mais, a mostra de um processo de hibridização cultural.

Além de ser uma expressão cultural, a ginástica possui significado e dimensões diversas, dentre as quais a dimensão educativa nos interessa. Marinho (1957, p. 51-52), aponta que a ginástica pedagógica ou educativa, proposta por Ling, “[...] assinala a passagem da concepção puramente anátomo-fisiológica para uma concepção psicológica e social”.

Neste sentido, ainda num olhar inicial, podemos afirmar a partir de Publio (1998), que a ginástica, como atividade geral, tem seu termo associado a uma ação educativa, de formação do corpo, praticada em diferentes ciclos históricos da humanidade e, portanto, dessa forma, assumindo feições e sentidos variados.

Em Marinho (1953) encontramos a afirmação de que a ginástica é uma prática que incita o indivíduo ao movimento, e assim, de forma natural e espontânea, ele cria e domina seus movimentos, mas aqui também devemos nos referir as atividades não naturais, sistematizadas, organizadas a partir de objetivos específicos de representação.

Na linha desta compreensão da ginástica como uma atividade previamente organizada, Dallo (2007, p. 25) assevera que:

A ginástica é um sistema de formas específicas de movimentos e de suas respectivas técnicas de execução, destinadas ao desenvolvimento físico que envolve as formas e funções corporais e as ações motoras. A ginástica se constitui, assim, em ferramenta didática da formação física.

Seguindo esta perspectiva, apontamos que em nosso estudo nos referimos às ginásticas, não como uma ação espontânea, de relação com o meio, mas sim, trataremos das atividades ginásticas, em uma dimensão sistematizada, mais especificamente, aquelas que são representadas esportivamente.

Soares (1998, p.17) afirma que “[...] na Europa, ao longo de todo o século XIX, a ginástica científica afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade”. Esta ginástica que começa a se desenvolver na Idade Contemporânea, e

em acúmulo com as demais ideias, contribui para o desenvolvimento do que conhecemos hoje como Ginástica Rítmica (GR), que está presente na escola como instrumento de educação e/ou competição e que em sua composição foi influenciada por quatro grandes escolas, a alemã, a nórdica, a francesa, e a inglesa, fazendo parte do que hoje conhecemos como Educação Física.

Ao mesmo tempo em que faz parte do campo da Educação Física como uma atividade de seu quadro de conteúdos, as ginásticas esportivas quando sistematizadas, compõe outro campo em específico, o dos esportes.

Publio (1998, p. 21) diz que “[...] os termos, “ginástica”, “esportes” e “educação física” se confundem muito freqüentemente na linguagem de diversos filósofos, lingüistas e pedagogos”. Enquanto atividade regulamentada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), estão oficializadas como esporte, a Ginástica Artística Masculina, Ginástica Artística Feminina, Ginástica Rítmica, Ginástica Aeróbica Esportiva, Ginástica Acrobática, Ginástica de Trampolim e Ginástica para todos.

Desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, em Atenas 1896, a ginástica está presente com a modalidade hoje conhecida como Ginástica Artística Masculina, prevendo um programa de provas individuais e em conjunto, que aparentemente foi alterado. Segundo Publio (1998, p. 71) “na realidade, foram realizados exercícios individuais em seis provas e exercícios simultâneos por equipe nas barras paralelas e na barra fixa [...]”

Noutro lado, a Ginástica Artística Feminina vai participar, inicialmente, na prova de solo, nos Jogos Olímpicos em 1952, começando a competir nas suas quatro provas tradicionais, solo, barras assimétricas, trave e salto sobre a mesa, nos Jogos de 1960. Já a Ginástica Rítmica foi introduzida em 1984 em Los Angeles com as provas individuais, e em 1996, manteve as provas individuais e acrescentou as de grupo.

Aqui, por tratarmos da dimensão esportiva da GR, importa-nos conhecer o termo esporte e suas origens. Sobre isso, Melo (2010a, p. 12) afirma que:

[...] originária do francês antigo “disporte” a palavra “Sport” foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que ela assume o sentido atual.

Podendo o esporte e assim a GR ser um componente utilizado pela Educação Física, Rocha Junior (2005, p. 69), sobre esta área de conhecimento, assevera que esta

[...] sempre buscou identificar e definir conceitualmente as diferentes modalidades de intervenção que seu campo profissional abarca. É constante a luta que trava por argumentos que lhe fundamentem científica e/ou pedagogicamente, seja do ponto de vista acadêmico, profissional ou educacional. Nela, a busca por legitimidade e *status* dá origem a toda uma produção de narrativas.

Diante destas características, Tibeau (2010) caracteriza a GR por três elementos básicos, que formam entre si uma unidade e fundamentam sua própria existência: movimentos corporais, manuseio de materiais ou aparelhos, acompanhamento musical e que apesar de ser conceituada como esporte, esse tipo de Ginástica possui características que a tornam bastante interessante para a intervenção da Educação Física, no campo escolar.

A partir deste cenário, reconhecemos que o ser humano se movimenta, tanto por atividades sistematizadas, quanto por necessidade, para viver e sobreviver, assim ele corre, arremessa, salta, empurra, dentre tantos outros movimentos que são básicos no desempenho corporal. Diante destas características, Dallo (2007, p. 23) diz:

A compreensão da natureza do movimento em diferentes áreas das ciências e o estudo não só de seus efeitos sobre o homem nas diferentes etapas evolutivas de sua formação, mas também do amadurecimento de sua vida de relação, têm justificado e definido importantes enfoques pedagógicos, como a ginástica, o jogo, o esporte etc.

A partir de então, as produções sobre a evolução dos movimentos corporais aparecem em diferentes momentos, épocas e culturas. O movimento humano foi e é estudado por inúmeros autores, ligados as diferentes concepções, doutrinas, leis. Neste conjunto de compreensões, nosso movimento é tido como uma necessidade, ao mesmo tempo em que aparece como uma ação construída para fins específicos que podem ser sociais, educativos, competitivos, e mesmo militares. O movimentar humano é tido como essencial no desenvolvimento das civilizações, ligado aos fundamentos médico-higiênicos, fisiológicos, morais, religiosos e guerreiros.

Assim, percebemos nas últimas produções que tratam do movimento, que a valorização dada às práticas corporais está presente na história do desenvolvimento

das civilizações, com características peculiares e particulares a cada continente ou região.

Entendemos assim que o processo evolutivo humano demarca, de formas diferentes ao longo de cada fase, sua relação como o movimento e com os diversos elementos externos que podem influenciá-lo. Diante dos fatos, as atividades corporais podem ser tidas como essenciais a existência, pois em seus diferentes tipos e formas de execução, acabam se associando a uma demanda, interesse ou necessidade do ser. Sendo nosso foco a GR, uma prática esportiva, nos apoiamos em Rocha Junior (2011, p. 29), quando este afirma que pode ser:

[...] compreendido como uma prática construída historicamente e influenciada pelo contexto cultural em que está inserida, representada sob a forma de manifestações corporais, que vão desde as atividades espontâneas às sistematizadas.

Nesta linha de compreensão, tendo a ginástica também em sua dimensão esportiva como centro de nossa atenção, nos interessa aqui sobremaneira, uma de suas manifestações, a Ginástica Rítmica. Esta incorpora em seus movimentos elementos de ordem natural e ao mesmo tempo os sistematizados e sua prática expressa tanto à singeleza de expressões e representações, quanto à dureza das determinações extrínsecas ao praticante e ainda, faz uso de implementos em suas atividades.

Laffranchi (2001, p. 3) considera difícil determinar os limites desta modalidade esportiva que se fundamenta na expressividade artística.

Em seu lado arte, a Ginástica Rítmica é conceituada como a busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento e ritmo. Como desporto, a Ginástica Rítmica é uma modalidade [...] essencialmente feminina, que requer um alto nível de desenvolvimento de certas qualidades físicas, com exigências de rendimento elevadas, objetivando à perfeição técnica da execução de movimentos complexos com o corpo e com os aparelhos.

A Ginástica Rítmica é um esporte do quadro olímpico, com um processo de organização recente, em tempos próximos ao fim da Segunda Guerra Mundial, que aos poucos, ganhou sistematização, universalização, quadro técnico, calendário próprio, e uma estrutura competitiva, assumindo então, as especificidades do esporte modernos, como nos mostra Bourdieu (1983, p. 7).

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.

Pelo fato desta modalidade ter autonomia como experiência esportiva, ela também se assume como elemento do trato da Educação Física. Sua repercussão é universal e incorpora elementos da dança, da música, da ginástica e mesmo uma teatralidade. É desta ginástica que falamos em nosso estudo.

Neste contexto, a aproximação da autora com esta atividade, no caso aqui como pesquisadora, se dá por um conjunto de relações assumidas com esta prática em boa parte da sua vida, seja a partir da Educação Física (como aluna, universitária e docente) e mesmo com a GR, como praticante. Assim compreendo que posso expandir meu olhar e descobrir elementos, que nessa caminhada como atleta, professora e técnica, se refletem na minha própria construção pessoal e profissional.

Recordando esta trajetória identifico que as atividades da GR foram incorporadas ao meu estilo de vida já nos primeiros anos como aluna da disciplina Educação Física, precisamente, na década de 1960 no Colégio Estadual Góes Calmon, momento do primeiro contato com um dos personagens desta história, a professora Maria Lúcia Franco Maltez, que a época, atuava como docente na referida instituição escolar.

Em Salvador havia poucas escolas com esta prática e assim, pude acompanhar e fazer parte da constituição e mesmo das transformações que se deram na GR desde a época citada. Pode parecer estranho do ponto de vista de hoje, num mundo acelerado de tanta informação, que este processo de construção não aconteceu apenas com a modalidade, mas percorreu também minha própria formação.

Crause (1978; 1984) e Alonso (2000) citado por Dacosta (2005, p. 226) informa no *Atlas do esporte no Brasil* que a GR chega a nosso país em 1953, por intermédio da professora austríaca Margareth Fröhlich, convidada para ministrar aulas de Ginástica Moderna no III Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico em São Paulo, onde contou com a assistência de Erica Sauer, professora da

ENEFD da Universidade do Brasil, atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Passo a passo, a modalidade que nos foi apresentada pela professora Maria Lúcia, utilizando equipamentos adaptados e isso, em paralelo ao movimento que estava acontecendo em todo o Brasil, que era justamente a organização desta nova expressão da ginástica em nosso país. Nesses primeiros tempos, os arcos de vime enfeitados de arminho davam vida e estímulo para os treinos e apresentações nas festividades escolares e esportivas, e em seguida, mesmo tendo concluído o ensino fundamental, hoje médio, mantive contato, extracurricular, com a modalidade no Instituto Central de Educação Isaías Alves, espaço destinado à formação docente entre os anos de 1965 a 1967.

Tendo sido então cativada pela expressividade esportiva e artística da GR, enquanto não tínhamos o curso de Educação Física na Bahia, abracei o curso de Licenciatura em Dança, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), como uma chance de seguir o contato com a prática corporal, até que em 1973, foi instalado o Curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Católica do Salvador (UCSAL), momento em que busquei uma forma mais direta de seguir com minha relação com a ginástica, ingressando como aluna nesse curso, que era e é ainda, o específico para a formação na docência esportiva.

Seguindo a motivação de manter contato com a GR, passo a atuar como professora do ensino médio no Colégio Góes Calmon, onde iniciei meus estudos e também, no Serviço Social da Indústria (SESI), mantendo a proximidade com a Ginástica Rítmica, agora já na função docente.

O conjunto destas vivências com a GR, em várias dimensões e sentidos, me trouxe encorajamento para desenvolver estudos sobre a constituição da modalidade, na tentativa de melhor entender sua construção, desenvolvimento e suas expressões, mais especificamente na Bahia, tendo a cidade do Salvador como cenário central, por ser meu local de fluxo social, onde vivo minha formação e tenho meu exercício profissional, configurando assim todo o ambiente da pesquisa.

É sabido que a condição de pesquisadora exige, além de uma curiosidade, rigor, organização, um compromisso social. Ao mesmo tempo, a aproximação com o objeto propicia maior potencial de envolvimento, onde a realidade pessoal e coletiva são referencialidade dentro do texto, justo pela aproximação direta com o objeto. Tal situação nos obriga a constantemente saber buscar a melhor forma de construir a

pesquisa, tentando sempre saber mediar à vivência pessoal, as próprias memórias, com aquilo que me é externo, ou seja, os dados extraídos das outras diversas fontes. É justamente esta mediação, que nos permite elaborar e apresentar nosso texto, sabendo que ele é um recorte, uma apropriação, de quem viveu, mas se permitiu estudar e, portanto, não é única, nem definitiva, mas é sim essencial.

Dentro deste cenário, apresento o ponto de interesse central, a questão de estudo que é:

Como se deu a introdução e estruturação da Ginástica Rítmica como prática esportiva e educativa em Salvador? E de forma secundária podemos também perguntar: quais foram os personagens atuantes nesse processo, e como se deram as experiências com a modalidade na Bahia?

Justamente para saber a influência desta capacitação para os profissionais da área, já atuantes em espaços público ou privado, escolas, clubes e/ou similares, me interessa sua expressão esportiva e também a educativa. Além de considerar efetivamente a escassez de produções regionais sobre a modalidade no estado da Bahia.

Reconheço que, aliada a estas considerações, está também à necessidade do registro histórico da Ginástica Rítmica em Salvador – Bahia. Assim, ao me propor apresentar aproximações com o tema, busco também oportunizar a outros, vivências sobre a GR, em sua composição histórica.

Diante deste episódio, foi sendo delineado meu objeto de estudo, e em paralelo, aparecem inúmeras perguntas que alimentam o trabalho. Nessa perspectiva apoio-me em Flick (2009, p. 21) quando diz:

[...] as narrativas agora precisam ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais”, e de particular relevância ao estudo das relações sociais onde o marco de organização temporal passa ser constituído.

Compreendo então, que a partir desta citação é possível ter um novo olhar sobre a GR que transcenda a prática pela prática, e a análise dos significados subjetivos desta experiência no cotidiano de jovens e adultos, uma vez que o ato de olhar para esta ação educativa ou esportiva, tema de investigação, vai proporcionar a retomada de vários estudos até então publicados, considerando a competição da ginástica esportiva desenvolvida a partir da ginástica rítmica, dos elementos da dança presentes na ginástica, e os próprios elementos da ginástica natural.

Segundo Crause (1985, p. 3)

[...] a Ginástica Rítmica foi chamada de Ginástica Moderna (1962), Ginástica Rítmica Moderna (1972), variando entre Ginástica Feminina e Ginástica Feminina Moderna¹ até efetivamente ser denominada de Ginástica Rítmica Desportiva em 1975, decisão votada por unanimidade na Assembleia Técnica do 53º Congresso da Federação Internacional de Ginástica, realizado em Berna, Suíça.

Para Gaio (2007, p. 37, **negrito da autora**) as variadas terminologias da ginástica rítmica como “[...] **Ginástica Moderna (1963), Ginástica Feminina Moderna e Ginástica Rítmica Moderna (1972), Ginástica Rítmica Desportiva (1975) e Ginástica Rítmica (1998)**” [...]. Como vemos estas indefinições no que se refere às possíveis denominações acontecem principalmente durante sua construção na década de 70, e Gaio completa que a GR hoje,

[...] é reconhecida como esporte, tem suas características próprias e valor pedagógico quando trabalhada como conteúdo da Educação Física escolar, em uma perspectiva lúdica, como um jogo de pequenos aparelhos manuais.

Enfim, o título da modalidade Ginástica Rítmica foi oficializado pela Federação Internacional de Ginástica, em 2000².

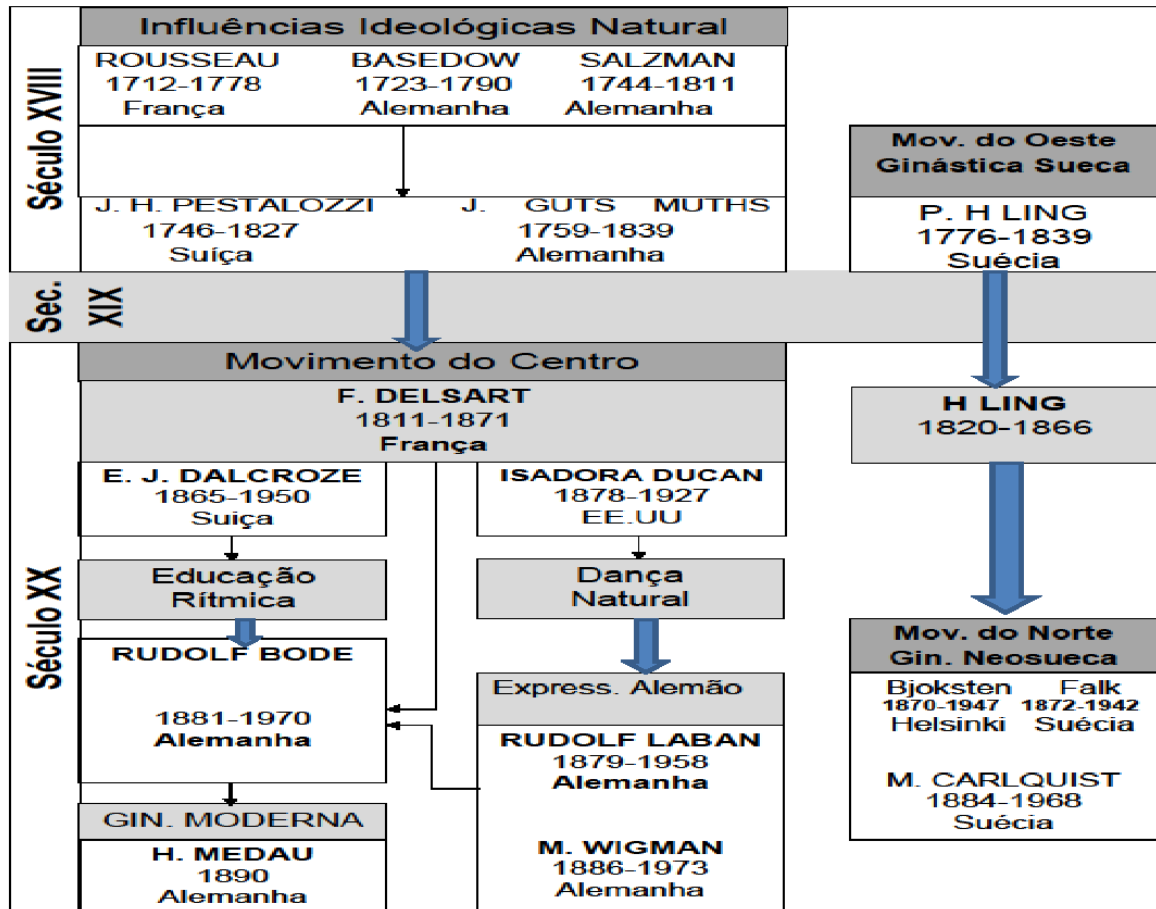
Dando prosseguimento a esta história, apresentamos um resumo desta construção apresentada na obra de Canalda Llobet (1998, p. 14) destacada no quadro da trajetória da Ginástica Rítmica, com as contribuições de movimentos representados por estudiosos entre os séculos XVIII e XIX para sua evolução.

DaCosta (2005) afirma que a Ginástica Rítmica foi criada com base nos princípios da Ginástica Moderna, tendo surgido na Europa Central no início do século XX, que por sua vez teve a sua origem nos princípios dos “movimentos” ginásticos surgidos no século XIX e, até sua constituição e reconhecimento em todo o mundo, a Ginástica Rítmica tem em sua trajetória diferentes denominações acompanhadas em nosso país. O quadro abaixo resume bem o processo de desenvolvimento da Ginástica Rítmica

¹ Langlade e Langlade (1970) afirmam que a “Nova Ginástica Feminina Finlandesa” ou só Ginástica Feminina, criada por Hilma Jalkanen, integra o movimento denominado “Ginástica Moderna”, pois seu trabalho se encaixa nos princípios e fundamentos expostos por Rudolf Bode.

² A Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) tornou-se olímpica em 1984 e pela redundância passou a GR.

Figura 1 - Antecedentes da Ginástica Rítmica (GR)



Fonte: Canalda Llobet (1998, p.14)

A partir das questões citadas, apontamos como hipótese, a compreensão de que o desenvolvimento da GR em Salvador se deu no ambiente escolar, atrelado à instalação da Educação Física, como curso superior na Bahia e isto, por permitir a formação de profissionais que legitimaram e assumiram relações profissionais com esta prática. Tal hipótese se constrói a partir do próprio trato com a modalidade e ainda, com o contato com profissionais que atuam e ou atuaram com esta atividade na cidade.

Associado a questão central, ponderamos como objetivo geral deste trabalho, construir um panorama explicativo sobre a experiência histórica da modalidade na década de 1970 e assim interpretar os aspectos específicos que a constituíram.

Buscando melhor entender as expressões assumidas pela sociedade científica ao olhar a Ginástica Rítmica como conhecemos hoje, identificamos possibilidades diferenciadas que permitem novos olhares e mesmo redescobri-la em mil facetas, desta forma, também temos como objetivos específicos, identificar,

descrever e analisar ícones da modalidade em Salvador, em suas respectivas trajetória de vida, demarcando os personagens e os espaços que ocuparam, seja ele o educativo, esportivo e ou recreativo. Ainda, também pretendemos analisar as instituições formativas que sistematicamente tenham tido envolvimento com a Ginástica Rítmica na sua construção histórica em Salvador.

A justificativa do estudo toma por base o próprio valor do esporte, como dimensão social (TUBINO, 1992) e mais, pelo fato de ter uma dupla expressão na prática, a Ginástica Rítmica nos ajuda a entender os significados e meandros da construção dos esportes e da Educação Física na cidade além das pessoas e das instituições que atuaram na construção da GR em Salvador.

A isso, somam-se as ausências de produções correlatas, os hiatos em relação às circunstâncias de formação e, assegurar o foco da investigação na cidade de Salvador. Assim, este estudo, de certa forma, constitui-se inovador no campo da pesquisa em educação, traz a ressonância de uma pesquisa histórica com elemento distinto, e por último o próprio envolvimento da pesquisadora e extensionista com a Ginástica Rítmica, seja na condição de praticante, professora e/ou pesquisadora.

Segundo Minayo (2003), a metodologia de pesquisa é o caminho do pensamento a ser seguido. Como atividade básica da ciência, o trabalho visa na sua construção e de uma forma bem generalista, situar o pesquisador como um agente de representação e tradutor da realidade, trabalhando variáveis empíricas e significados de tudo que não pode ser quantificado, mas pode ser interpretado.

A pesquisa, portanto é a atividade básica da ciência na sua construção e reconstrução da realidade. Segundo Galeffi (2009, p. 32) “[...] todo o construto qualitativo, assim, é sempre uma aproximação ou ressonância sensível, o que requisita o aparelho de captura adequado”.

Na atualidade, a busca pelo novo não é tanto um meio de sobrevivência, como um incentivo para o desenvolvimento e progresso da humanidade, mas um elemento especial e eficaz na busca por respostas, que propiciam descobertas, e também, levam a mais perguntas e assim cria-se um ciclo de pensamentos e ideias. Ideias que geram pesquisas que é o buscar, procurar, investigar algo, como forma de comunicação com o mundo de inúmeras possibilidades.

Diante destas considerações, nossa opção passa pela revisão de literatura e pela busca de saberes já sistematizado sobre o tema, e para o desenvolvimento em si, a referência passa pela Nova História Cultural. Neste sentido, a pesquisa histórica

sustentada nesta perspectiva surge como opção metodológica, haja vista que se trata aqui de demonstrar e analisar os dados e fatos que configuraram o trajeto da prática em estudo, pensando sua instalação e efetivação, não apenas a partir dos documentos, por mais que estes sejam prioritários, mas também dando voz àqueles que de forma direta fizeram acontecer esta história, na intenção de compreender os fatores conjunturais.

A Nova Histórica Cultural permitiu uma “virada” no trato com objetos de pesquisa e fontes, abrindo frentes para o desenvolvimento de pesquisas com temas que refletem o cotidiano e são expressos em interesses e atividades diversas, dentre estas, as práticas corporais e neste meio, o esporte.

De forma mais direta utilizamos a Nova História Cultural, por entendermos que esta nos permite melhor compreender o fenômeno e tecer “explicações” acerca de sua trajetória e mais, por termos a noção de que as práticas corporais são expressões culturais. Segundo Melo e colaboradores (2013, p. 47):

Foi mesmo no pós Segunda Grande Guerra que emergiram com mais força as questões de natureza cultural, sendo a cultura progressivamente considerada não só como um conjunto de manifestações, mas também de normas, valores, comportamentos, hábitos que regem a vida em sociedade. Nesse cenário conformou-se um coletivo de historiadores interessados em tal abordagem.

Nessa compreensão, ainda Melo e colaboradores (2013, p. 53) asseveram: “[...] é mesmo a partir dos anos 80 que se tornam comuns às aproximações entre a história do esporte e a história cultural”. Ou seja, trabalhar com a história cultural do esporte é lidar com suas expressões, representações, significados e relações e aí, as práticas não se explicam isoladamente e sim, é preciso compreender a conjuntura.

Ainda na mesma obra os autores apresentam a grande importância para a conformação da Nova História Cultural dos estudos do esporte, partir de diálogos com a Antropologia e com a linguística, em um contexto em que se percebe a valorização da cultura como objeto de estudo das ciências humanas e sociais.

Quanto ao recorte temporal, tomamos como marco a década de 1970, por ter sido a que definiu a sistematização da Ginástica Rítmica no Brasil e, principalmente, por ser o período de instalação de um curso superior de Educação Física na Bahia, na Universidade Católica do Salvador (FERRARO, 1991; PIRES; ROCHA JUNIOR; MARTA, 2014).

Como fontes, utilizamos documentos institucionais, formulários, diplomas, certificados e propostas de trabalho. No decorrer da pesquisa trabalhamos também com alguns impressos de época de circulação local (jornais e revistas) além de outras fontes, onde buscamos como participantes personagens que assumiram relações com a Ginástica Rítmica na cidade. Devemos dizer que as figuras vistas no texto, não serviram como fonte, sendo apenas ilustrativas.

Em relação aos instrumentos de pesquisa, como mais um dado de fonte, usamos a entrevista não estruturada (APÊNDICE A), por esta permitir ao informante mais liberdade acerca do tema específico, tomando como base suas experiências, vivências e lembranças. Foram também buscados estudos correlatos ao fato da organização da GR em Salvador desde os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) até as pesquisas de domínio acadêmico.

Para Gil, (1999, p. 117) a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais, e esta técnica se adequa bem a proposta deste trabalho que buscou informações através da entrevista estruturada a partir de uma relação de perguntas com possibilidade de conversação “para obtenção de uma visão geral do problema pesquisado”.

Assim, conversamos com alguns atores mais próximos da história da GR. São elas: Maria Lúcia Franco Maltez³, Cacilda Silva de Souza, Daisy Regina Pinto Barros e Ingeborg Inge Crause.

Por sua vez o trato dos dados apurados foi qualitativo e buscou estabelecer e analisar as relações possíveis entre as informações, na perspectiva de tecer uma teia de saberes que passam pela instalação, efetivação e sistematização da GR em Salvador. Neste processo, interessa também compreender a cidade, sua estrutura política, econômica e social e por dentro disso, interpretar os aspectos específicos da modalidade.

Para o delineamento deste estudo, apresento a estrutura organizacional da pesquisa distribuída em capítulos que passo a descrevê-los:

Na Introdução, tratamos inicialmente das informações essenciais da pesquisa e das minhas implicações com o movimento da Ginástica Rítmica, tanto pessoal quanto profissional. Enquanto que no segundo capítulo se mostra uma abordagem sobre *A História da Ginástica Rítmica*, sua presença na cidade alta e na cidade

³ Além da entrevista foi disponibilizado texto resumido da sua trajetória.

baixa de Salvador, sua história hoje e sempre, o mapa da sua presença e onde esta se organiza.

Neste primeiro momento apresentamos o movimento inovador de participação dos homens com a proposta da Ginástica Rítmica Masculina, que até recentemente sua participação era impensada, mas hoje a proposta se materializa pela quantidade e qualidade dos trabalhos realizados em todo o mundo, apesar do mesmo ainda não ser reconhecido pelos órgãos reguladores da modalidade.

Ainda no capítulo dois trazemos a discussão sobre a cidade de Salvador no seu contexto atual, quando da instalação do primeiro curso de Educação Física da Universidade Católica do Salvador, para assim identificar e analisar a prática da GR na cidade, sua repercussão da formação em Educação Física e suas experiências.

No capítulo três, intitulado *As práticas da ginástica rítmica, suas possibilidades educativas e a cidade de Salvador* aborda-se a constituição da GR na Bahia citando: fatos, as especificidades desta modalidade, as práticas educacionais e esportivas na cidade de Salvador com os personagens atuantes da época.

Assim, em todas as passagens, apresentamos os dados que foram analisados diretamente, sempre em referência a pergunta de estudo, apontando por fim os resultados de nossas conclusões.

Os personagens e fatos que constituíram a modalidade na década de 70 serão tratados no capítulo quatro deixando as Considerações Finais para o capítulo cinco.

2 HISTÓRIA DA GINÁSTICA RÍTMICA

Compreender a prática da ginástica rítmica pressupõe também melhor entender seu cenário de existência. Afirmamos isto, por compreendermos que as práticas esportivas não se dão de forma estanque, isoladas do contexto social e do cenário geográfico onde ocorrem. Uma melhor interpretação do fenômeno esportivo significa também entender as formas e condições de sua ocorrência, ou seja, espaços, personagens, fatos e mesmo condições de execução, em função do tempo histórico, em seus limites e possibilidades. Assim, cremos que uma análise histórica da GR passa também por desenvolvermos um olhar sobre nossa cidade de interesse, Salvador e todos os elementos que possam ter interferido na modalidade e é a isto que se pretende este capítulo.

2.1 BAHIA DE TODOS OS SANTOS E CANTOS DA GINÁSTICA RÍTMICA

Em sua trajetória de construção, a cidade de Salvador viveu diferentes fases e arranjos para definição de propostas e políticas públicas para o esporte e em especial para Ginástica Rítmica. Desde a tentativa de ocupação inicial, até os momentos atuais, a cidade passou por diversos momentos e assim, constituiu sua trajetória como uma das cidades referenciais do Brasil.

Ao longo de seu percurso viveu diversos processos de reestruturação, de modernização de seus espaços e costumes. Dentre estes, Risério (2004) afirma que a cidade, a partir da década de 1940, começou a mudar, mais uma vez, o que pode ser visto como outro marco de seu crescimento citadino. Assim, adiante

[...] entre as décadas de 50 e 60 a Cidade da Bahia recebe a modernidade crescendo em termos espaciais, temporais e culturais, onde paralelamente ao cinema, o rádio é o mais importante meio de comunicação, e grandes obras arquitetônicas são realizadas no governo de Octávio Mangabeira (1947-1951) onde tivemos a construção do Hotel da Bahia, Fórum Ruy Barbosa, do Estádio da Fonte Nova e da avenida litoral ligando Salvador a Itapuã. (RISÉRIO, 2004, p. 586)

Foi durante o governo de Antônio Balbino (1955-1959) que aconteceu um dos marcos de modernização de Salvador e da sua vida cultural, a construção do Teatro Castro Alves, projetado por Sina Foniati. Na mesma época vimos a construção do Ginásio de Esportes Antônio Balbino (conhecido por Balbininho), anexo ao Estádio

da Fonte Nova. Esta arena esportiva foi demolida em 2010, para dar lugar ao estacionamento da nova Fonte Nova, construída para a Copa do Mundo FIFA 2014, deixando a cidade de Salvador sem ginásio adequado a receber eventos esportivos.

Neste seu percurso histórico, Salvador se viu diante de diferentes projetos e intervenções, mas em nenhum deles, o esporte foi algo referencial. Nesta linha, Rocha Junior (2011), ao analisar a constituição da cidade e o campo esportivo, afirma, que a cidade, apesar de ter experimentado as vivências esportivas iniciais em conjunto com outras capitais, já em fins do século XIX, não soube fazer desta prática um bem cultural. Assim, tal autor, afirma que Salvador não é e mesmo não foi uma cidade esportiva.

No que se refere à vida esportiva da cidade, devemos aqui fazer menção a um espaço específico, que se não construído notadamente para os esportes, acabou sendo uma referência nessa área, mesmo, por conta da carência que a cidade sempre demonstrou. (LEITE; ROCHA JUNIOR; SANTOS, 2010) Tal espaço foi o Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA).

Salvador, em 14 de abril de 1936, a partir da lei provincial nº 37 viu nascer a Escola Normal da Bahia, mais tarde denominado de Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA). Sua construção foi um projeto do arquiteto alemão Alexander Buddeüs. A obra, que foi pensada para atender a demanda de Salvador e ser dotada de todos os requisitos de um verdadeiro centro educacional, fazia parte do projeto de modernização da Bahia na época, outro, de tantos.

O Instituto Normal da Bahia, data sua construção do ano 1936 a 1939, atual ICEIA (Instituto Central de Educação Isaías Alves), situado na Praça do Barbalho, s/nº (bairro do Barbalho), Salvador - Bahia (Brasil). A Escola Normal da Bahia compreendia além de salas de aula, um teatro, campo de futebol, quadras de esporte e uma piscina, tudo articulado por passarelas. O projeto original incluía a demolição de casas em sua frente para a criação de uma praça e construção de um viaduto ligando os bairros de Nazaré e Barbalho, onde se encontrava a escola. O impacto dessa primeira onda de Arquitetura Moderna, patrocinada pela Revolução de 30, em uma cidade ainda colonial, constituída por sobrados e casinhas de uma porta e duas janelas, foi enorme. (INSTITUTO Normal..., 2010)

Neste espaço vimos se constituir a trajetória de um novo esporte na cidade do Salvador, a Ginástica Rítmica, com Dulce Suzart.

A Professora Dulce é natural de Feira de Santana – Bahia, egressa do curso para professores da Escola Nacional de Educação Física realizado no Rio de Janeiro (1951-1953). Em seu trabalho, ela deu prosseguimento às atividades de Ginástica Feminina, como era denominada em 1954, em substituição a professora de Dança Odete Franco.

Nos registros de Ferraro (1991), a professora Odete Franco fez parte de uma turma que ele chamou de “Pioneiros da década de 40”. Tais pioneiros fazem parte de um grupo que foi enviado pela

Superintendência de Educação Física da Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, criada em substituição à Inspetoria Regional de Educação Física, objetivando maior eficiência no desenvolvimento da Educação Física na Bahia responsabilizou-se, a partir de 1940, em enviar grupos de professores e médicos, já atuantes, porém sem formação superior em Educação Física, para recém-criada Escola Nacional de Educação Física e Desportos - (ENEFD) da Universidade do Brasil, e no seu regresso foram designados para o Colégio da Bahia e Instituto Normal. (FERRARO, 1991, p. 17)

Figuraram neste grupo os seguintes professores: Manoel Brasil de Freitas, Antônio Manoel de Souza Pinto, Zahurí Sabach Miranda, Odete Jorge Franco, Regina Bittencourt de Oliveira, Laurelena Soares Sampaio e os médicos Eduardo Ribeiro Bahiana, Aderbal Pedreira de Freitas e Hamilton Vergne de Abreu e para Ferraro (1991), a turma de 1947 realizou o que para a época podia ser considerado uma aventura.

Toda esta aventura rendeu frutos que hoje se apresentam em forma de um trabalho consolidado, mas sempre em constante reestruturação, com ações, projetos e atuação de profissionais que “foram” preparados a partir da visão formativa desta primeira turma, que em seu legado mantém as práticas esportivas vivas em nossa cidade.

Maria Lúcia Maltez⁴, que servia de guia das aulas da professora Odete Franco oriunda da turma de 1947, no seu retorno a Salvador, aplica nas aulas de educação física no ICEIA, “[...] exercícios sintéticos e analíticos, do tipo calistênico acompanhados de música [...]”. Na sua entrevista Maltez considera ter sido este o momento de introdução da Ginástica Rítmica, em Salvador.

⁴ Entrevista de Maltez com a autora, no mês de 05mar2016.

Dentre estas práticas está a Ginástica Rítmica enquanto esporte, que apesar de ser considerada uma atividade feminina de grande complexidade e alto grau de exigência nas competições, o que lhe dá significativa visibilidade, em determinados espaços como o escolar, recreativo e ou informais pode apresentar um repertório de possibilidades infinitas no contexto social e cultural, sempre esteve presente nos currículos dos cursos de formação em Educação Física da Bahia.

Uma experiência apresentada por Toledo (2010, p. 25), diz que:

[...] a GR começa a ter caráter competitivo quando a apresentação com maçãs torna-se uma das provas da Ginástica masculina, em 1904, nos Jogos Olímpicos de Saint-Louis. Em 1920, iniciam-se as competições femininas de Ginástica pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e, em 1936, a Ginástica feminina (posteriormente denominada Ginástica Olímpica), agrega, entre outras provas, apresentações de solo com música e aparelhos portáteis.

A mesma obra continua a afirmar que estes acontecimentos marcaram o início da trajetória da GR como esporte, considerando dois momentos importantes. Um foi o movimento de dirigentes femininas, especificamente na Rússia, e outro foi que o esporte nasceu, de maneira independente, com a denominação de Ginástica Artística⁵, justamente por ser considerada uma arte, assim como outras manifestações que influenciam como a dança e a música.

Bodo-Schimid (1978) registra que uma Comissão Especial da FIG, após o terceiro Campeonato do Mundo, apresentou regulamentações internacionais e regras, estabelecendo claramente as dificuldades e técnicas específicas de cada aparelho, fixou penalidades para as possíveis falhas e uma lista de elementos necessários para as sequências. Em 1968, sempre após reuniões deliberadas por uma comissão, decidiram introduzir a corda, a bola e o arco; em 1971 depois do Quinto Campeonato Mundial em Havana – Cuba mais um aparelho, desta vez a fita, e em 1973 as maçãs após o Sexto Campeonato Mundial de Rotterdan na Holanda. Bodo-Schimid (1978, p. 18-21, tradução nossa):

Após o terceiro campeonato mundial, uma comissão para ginástica moderna foi formada dentro da FIG. A comissão, que começou a trabalhar em 1968, estabeleceu as fileiras internacionais de competição e julgamento de eventos de ginástica modernos. O comitê escolhe três exercícios com bola, aro e corda - para a competição internacional e estabelece claramente as dificuldades de

⁵ Questão pouco mencionada na literatura.

cada um desses exercícios e as técnicas específicas. A comissão fixou penalidades pelas possíveis falhas e elaborou uma lista dos elementos necessários para as seqüências.

No Brasil e, em especial, em Salvador, acompanhamos e vivemos a evolução desta trajetória, no tocante à organização, denominação e introdução dos aparelhos, destacando que os programas a mãos livres sempre estiveram presentes em nosso repertório, e que participar desta construção proporcionou a Bahia ser citada por Carlos Alberto Leite em seu texto⁶ para Cadeira de Ginástica, do Prof. Darcymires do Rego Barros por sua participação no Campeonato Nacional de Ginástica Rítmica Desportiva no mesmo ano⁷.

Ainda tratando da história, encontramos na obra de Toledo (2010) uma melhor exposição desta trajetória e o vínculo da atividade com a estética e a beleza, elementos indissociáveis da GR, as contribuições dos grandes autores, sua parceria com a música, a leveza do movimento natural e fluente que vai “se estruturando como prática gímnica a serviço da arte, da expressão e da fluência dos movimentos”. (TOLEDO, 2010, p. 24)

Hoje, uma experiência não tão inovadora nesta área, mas resistente em busca do reconhecimento, isto porque alguns autores como Langlade e Langlade (1970) e Toledo (2010) apontam que desde 1904 a GR começa a ter caráter competitivo quando os homens se apresentaram com maças nas provas de Ginástica Masculina nos Jogos Olímpicos de Saint-Louis e somente em 1920 se iniciam as competições femininas de Ginástica pela Federação Internacional de Ginástica (FIG).

Atualmente as publicações sobre a versão masculina da Ginástica Rítmica apontam que a mesma começou a ser praticada no Japão, segundo relato de Thiago Xavier (2012) em seu blog:

A GR Masculina começou a ser praticada no Japão após a II Guerra Mundial, com o objetivo de ajudar na recuperação do país através da atividade física visando promover a saúde da população. Com base em movimentos vindos da Calistenia e das Artes Marciais, a atividade (praticada na época apenas pelos homens) foi se desenvolvendo, a ponto de tornar-se uma modalidade esportiva. Até que, em 1969, a GR Masculina foi regulamentada pela Confederação Japonesa de Ginástica.

⁶ Texto não publicado, datado de 1975, acervo da autora.

⁷ O autor reconhece os esforços isolados de estados menos aquinhoados do Brasil, como a Bahia e o Sergipe, no mais recente Campeonato Nacional de 1975.

A modalidade exalta a força e resistência e o uso dos aparelhos corda, dois arcos pequenos, maças, o bastão (como o utilizado na Calistenia) e a mãos livres, em provas individuais e de grupo de 6 (seis) componentes, sempre acompanhados de música com séries de equilíbrios e saltos. O uniforme é composto de camiseta collant com short ou calças.

Praticada em vários países na Ásia, Estados Unidos, Espanha, Canadá, Austrália, México entre outros tantos, os grupos se reúnem extra oficiosamente para apresentações, competições nacionais e internacionais. Todas as ações acontecem sem o reconhecimento, mas com o aval da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Desta forma, e a partir deste cenário é possível reconhecer nestes últimos anos o movimento dos países orientais e asiáticos na prática e defesa para inserção dos homens na Ginástica Rítmica com a denominação de Ginástica Rítmica Masculina.

Diante destes registros, entendemos ser a GR uma construção cultural plural. A partir do comentário de Goellner (2012), quando discute sobre a diversidade e esclarece que somos sujeitos plurais, entendemos que, independente da materialidade biológica temos o direito de experimentar, através da construção em diferentes tempos, grupos sociais, espaços, com diferentes estratégias pedagógicas “o novo” e assim, é natural que o homem possa exercer a GR, já que educamos o corpo no esporte, no lazer e em projetos sociais.

Na busca por informações e produções científicas sobre a GR Masculina, encontramos um cenário árido e insipiente, o que é possível de compreender, considerando que a FIG, órgão maior e regulador das ginásticas no mundo, não reconhece a modalidade, apesar de ter conhecimento das atividades desenvolvidas em vários países.

Para o Comitê Olímpico Internacional (COI), um esporte é

[...] considerado olímpico se for praticado por homens em setenta e cinco países, no mínimo, e em quatro continentes, e depois de aprovada uma modalidade, esta só poderá ser incluída no programa dos Jogos Olímpicos de uma Olimpíada, com o mínimo de sete anos de antecedência dos jogos dessa Olimpíada, e no caso das mulheres, se é praticado no mínimo em quarenta países e três continentes. (VIEIRA, 2009)

Quanto à FIG, não encontramos registro de qualquer critério sobre este assunto em seus documentos, e aparentemente parece seguir a mesma linha do

COI, respeitando claro, as devidas proporções. Assim, mantém o princípio da legitimidade apenas quando o número de países praticantes for significativo para reconhecimento da sua prática como esporte do seu quadro de modalidades.

No que diz respeito ao Brasil, como militante da GR posso apresentar algumas considerações sobre a GR masculina. Enquanto professora do Curso de Licenciatura em Educação Física da Ucsal, recebi da Universidade de São Paulo – USP que aceitou o convite da Universidade de Kokushikam (Japão) para divulgação da modalidade, um material para divulgação da GR masculina. O mesmo era composto de uma fita de vídeo cassete com séries individuais de corda, maças, bastão e mãos livres além de uma série de conjunto com oito ginastas.

Neste mesmo período, tive oportunidade de na sede Itapagipe do SESI, de trabalhar com três rapazes interessados na GR Masculina. Confesso ter resistido algum tempo antes de aceitar o desafio, mas depois de alguns meses de trabalho na preparação para uma competição a ser realizada em Belém-PA, onde o regulamento previa uma série de corda, conseguimos bons resultados e o grupo se mostrou um grande colaborador para trabalhos futuros.

Um dado mais recente está nos estudos de Coelho (2016, p. 88), quando afirma que a “Espanha, é um país onde as competições de GR para meninos já são autorizadas pela Federação Espanhola”, permitindo que os homens participem com as mesmas regras previstas para as meninas, constatando que no site da Federação Espanhola de Ginástica (RFEG), estão disponibilizados os regulamentos técnicos de GR previsto para a Espanha, contemplando a participação de meninos em 2011, sendo previstas provas individuais para quatro faixas etárias, iniciando aos doze anos, e continua ao que concordo com a autora, quando diz:

Pelo difícil acesso às informações oficiais da RFEG, o processo de inserção dos meninos na Espanha não é aqui analisado, mas é citado para dar visibilidade ao fato de que no referido país, os meninos já praticam GR com as mesmas regras previstas para as meninas. (COELHO, 2016, p. 88)

Em uma busca, observamos que há uma tendência nas publicações encontradas para discussões sobre gênero, diversidade, ginástica, escola, formação profissional, educação física, e informações dispersas com pouca especificidade da GR Masculina. O que há de comum em algumas produções é a sugestão ou

indicação dos aparelhos para uso masculino e a exigência para os exercícios individuais e em grupo.

Para sua divulgação e massificação os defensores desta nova expressão de movimentos, organizam eventos locais e nacionais entre seus adeptos, mas sem uma regulamentação oficial, e também participam da “Gymnaestrada”, evento mundial de Ginástica para Todos (GPT)⁸ que acontece a cada quatro anos, e faz parte do calendário oficial da FIG.

Neste caso, nos parece ser este o espaço a dar maior visibilidade para a GR Masculina, isto, por ser aberto a todas as expressões de movimento, palco para exposição de todos os segmentos.

Entre os autores que discutem a Ginástica para Todos, Paoliello (2010) apontam que a mesma está em explorar vários tipos de manifestações ginásticas, das danças, expressões folclóricas e jogos, expressos através de atividades livres e criativas, além de promove o lazer saudável e social aos praticantes, favorecendo a coletividade, respeitando as individualidades, sexo ou idade, tipo de material, música e coreografia, sem fins competitivos apresentando neste contexto, aspectos da cultura nacional, sempre sem fins competitivos ou mesmo a qualidade do repertório motor ou das capacidades físicas.

Goellner (2010) nos mostra que o acesso e permanência de meninos e meninas em diferentes modalidades esportivas caminha muito mais além das diferenças biológicas, da aparência corporal, beleza, imagem corporal, do estereótipo, da maneira correta de viver a sexualidade, a aceitação e mesmo o incentivo a atitudes que expressem homofobia, da indicação de que algumas práticas corporais e esportivas devem ou não ser indicadas para meninos e/ou meninas, pois não correspondem ao seu gênero.

Nesta linha, a autora destaca ainda que

[...] a existência de preconceitos e violências que determinados sujeitos sofrem apenas por pertencerem à determinada classe social, religião, orientação sexual, identidade de gênero, habilidade física, etnia, entre outros, devem ser substituídos pelo respeito à diversidade cultural, social e sexual sendo este o primeiro passo para uma política inclusiva. (GOELLNER, 2009, p. 81)

⁸ Modalidade do quadro da Federação Internacional de Ginástica (FIG) tem no Grupo de Ginástica Geral da Unicamp ou GPT seu maior representante nas prática da ginástica não competitiva, Ginástica para Todos (GPT). (AYOUB, 2003)

Sendo uma prática que atrai olhares e praticantes pela sua plasticidade, a Ginástica Rítmica, tema do nosso estudo, atualmente tem assento efetivo em escolas da rede pública municipal, estadual e particular de ensino em todos os níveis, além de contar com espaços privados e públicos para treinamento de alto rendimento em todas as faixas etárias, com maior procura pela população feminina e em menor número pelo público masculino, sem restrições.

Na análise histórica de Melo e Fortes (2010), na década de noventa, recursos de agências de fomento beneficiam o esporte, ao tempo em que na escola os programas de incentivo à prática esportiva colaboram para o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. Porém antes desta década vários projetos são desenvolvidos em Salvador.

Programas, projetos sociais e estudos avançados na área garantiram a organização e presença da modalidade, desde sua apresentação na escola na década de 60, e hoje, entre tantos projetos e ações, vamos nos deter naqueles de maior alcance social, formador de multiplicadores, apesar de não ter sido este seu objetivo central, e de divulgação da prática como atividade física e de lazer, característica que permanecem até a presente data.

Na educação e no esporte a Ginástica Rítmica nos permite vislumbrar as inúmeras possibilidades motivadoras que podem ser identificadas pelas características dos saltos, movimentos combinados das pernas e braços, os giros, equilíbrios, os pré-acrobáticos⁹ permitidos para esta atividade, que associados aos movimentos com os aparelhos oficiais corda, arco, bola, maçãs e fita, e ou aparelhos alternativos¹⁰ e com as gestualidades características da GR acompanhados da música, são elementos que vão além de garantir a adesão para melhoria do “porte”, colabora na harmonia dos movimentos pessoal e social.

Neste sentido, a introdução dos aparelhos vai além da prática esportiva, se considerar que os objetos são agentes que estimulam o movimento, como podemos ver na análise dos autores Sebastião e Freire (2009), quando dizem que:

⁹ De acordo com o Código de Pontuação de GR da FIG (2017/2020), rolamento para frente e ou para trás, reversão para frente e para trás, estrela e variações, inversão no solo (mata borrão) - inversão no solo com o ombro com passagem na vertical com o corpo estendido e "Salto Plongé" - salto com o corpo flexionado para frente caindo para um rolamento à frente.

¹⁰ São materiais diversificados quanto ao material, peso, tipo, cor e tamanho, para que o aluno possa ter adaptações e ajustamentos de conhecimentos previamente adquiridos.

Percebemos maior frequência na utilização de materiais alternativos nas séries iniciais do Ensino Fundamental, talvez por existir, nesse período, maior preocupação com a diversidade de materiais no auxílio ao desenvolvimento da criança, como afirmam Batista (2003), Freire (1997), Soler (2003) e Santos (2004). Os autores ressaltam a necessidade de oferecer à criança, nessa faixa etária, oportunidade para manipular diferentes objetos e transformar as experiências em símbolos, além de proporcionar uma aula mais atraente para o aluno. É importante lembrar também que a presença de material alternativo apresentada acima, não impede o uso de outros materiais oficiais, como é o caso do P2 que utilizou bolas, raquetes, freesby, entre outros.

Apesar da curiosidade pelos movimentos acompanhados de música e o uso dos objetos, observamos que o conteúdo desta modalidade é pouco explorado nas aulas de Educação Física, sendo este mais um motivo para proporcionarmos este aprendizado versátil, pois explorar os movimentos, manusear objetos são ações presentes no universo infantil.

A partir desta observação, concordamos que os exercícios com os aparelhos, segundo Langlade e Langlade (1970, p. 99):

[...] são um complemento dos exercícios a mãos livres e nunca podem substituí-los. O papel da GR não é em nenhum momento ensinar malabarismos, mas fortalecer a sensação do movimento natural, e que o aparelho deve ser tratado e usado como extensão e/ou continuidade do próprio corpo.

Esta mesma perspectiva sobre os aparelhos é aplicada pela “Nova Ginástica Feminina Finlandesa” ou só Ginástica Feminina, criada por Hilma Jalkanen, que integra o movimento denominado “Ginástica Moderna”, pois seu trabalho se encaixa nos princípios e fundamentos expostos por Rudolf Bode para um aprendizado harmônico no sentido de manter o prazer e o interesse no movimento.

Voltando a Salvador, quando se trata da organização da GR, percebemos que estes e outros mecanismos utilizados na sua organização nos espaços escolares e esportivos foram utilizados apostando que o interesse das crianças por esta atividade está também, na relação com os aparelhos, segundo a experiência de Botti e Witkovski (2011, p. 8):

Pelos dados obtidos no trabalho, constatamos que o uso de diferentes materiais, alternativos e oficiais, específicos ou não da modalidade auxilia no interesse dos alunos pelo conteúdo da ginástica, bem como aumentam as possibilidades expressivas da GR de maneira criativa por parte dos alunos, contribuindo de maneira efetiva na educação da sensibilidade e da criatividade dos mesmos.

Seguindo esta linha, é possível admitir a convivência e o diálogo entre o esporte e a educação, que sendo parceiros, permitem a conciliação nas tarefas com as atividades esportivas, que direcionados para a formação do sujeito são fundamentais para a socialização, aprendizagens, experiências, vivências e o desenvolvimento de conceitos como o respeito às regras, o ser cidadão, o trabalho em equipe, a superação, além do que, irão acrescentar para o desenvolvimento maior que é a formação do cidadão saudável e cômico do seu lugar na sociedade.

Em Salvador podemos resgatar em posição cronológica crescente, os programas, projetos e ações educativas e esportivas que colaboraram para a organização da Ginástica Rítmica e implantação de Escolinhas de Iniciação Esportiva no nosso estado, onde esta modalidade esteve contemplada, com destaque, principalmente no período de recorte deste trabalho, a década de 1970.

Figura 2 - Equipe de GR - SESI 1975



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O SESI foi a instituição que efetivamente iniciou nesta década, propostas concretas para um programa de iniciação esportiva, mais precisamente em 1973, com a realização do Curso de Iniciação Esportiva promovido pelo Departamento Nacional em parceria com o Departamento Regional – Bahia.

Figura 3 - Equipe SESI - JEB's 1982**Figura 4 - Equipe SESI - JEB's 1986**

Fonte: Acervo pessoal da autora.

O programa de atendimento em diferentes modalidades para industriários e seus dependentes, que apesar da restrição no atendimento, pois a comunidade, no primeiro momento não podia participar, movimentou a Cidade Baixa na década de 1970, como polo e única instituição de Salvador a promover o acesso às práticas esportivas com acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, formada por professores de Educação Física, Serviço Social, Orientação Pedagógica, Médico Esportista, Odontologia, Fisioterapia, Primeiros socorros.

Figura 5 - I Curso de Iniciação Esportiva no SESI



Fonte: I CURSO... (1973, p. 11)

O próximo passo a colaborar para expansão de projetos e ações que estimularam a prática de atividades físicas ou jogos praticados individualmente e ou em equipe aconteceu na década seguinte, e são oficializadas na Bahia. Uma delas é a Lei Delegada nº 37 de 14 de março de 1983 (BAHIA, 1983) que:

Cria a Superintendência de Desportos do Estado da Bahia - SUDESB e dá outras providências. GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA, no exercício da competência que lhe foi delegada pela Resolução nº 1.176 de 03 de dezembro de 1982, da Assembleia Legislativa do Estado, promulga a seguinte Lei:

Art. 1º- Fica criada, vinculada à Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social – SETRABES, a Superintendência de Desportos do Estado da Bahia – SUDESB, autarquia, com personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira e patrimônio próprio.

Até 1983, políticas públicas de esporte para a Bahia eram geridas pela Vila Olímpica da Bahia (VOB), autarquia criada em 1970 durante o governo de Luiz Viana Filho e vinculada a então Secretaria de Educação e Cultura. A Sudesb então passou a gerir as Escolinhas de Iniciação Esportiva nos porões do Estádio Otávio Mangabeira e posteriormente, em diferentes bairros de Salvador e cidades do interior da Bahia até 2010. Enquanto oferta de atendimento, a Ginástica Rítmica e a

Ginástica Artística, feminina e masculina, entre outras modalidades foram oferecidas sempre sob a supervisão técnica da federação esportiva correspondente a modalidade oferecida.

No decorrer dos últimos anos, a ação desenvolvida nas “Escolinhas de Esportes” da SUDESB foi descentralizada, diminuiu o atendimento e, são ofertadas em bairros e municípios distintos por execução própria, ou, através de Termo de Colaboração e Fomento¹¹.

Se estas experiências foram fundamentais para constituição da Ginástica Rítmica em nossa cidade, o Programa de Educação Esportiva da Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Esporte e Lazer (SMED) da Prefeitura Municipal do Salvador (PMS) que se junta aos demais programas, acontece entre 2005 e 2011 e tem sua cota de colaboração e um diferencial, pois chega a inferir uma ação global de atendimento a criança e família. Mesmo compreendendo que este projeto está fora de nosso recorte, julgamos por bem o apresentar, por ser uma continuação de ações com a GR. O mesmo olhar se aplica ao caso adiante.

Por fim temos o Programa de educação esportiva de Camaçari, através da Cidade do Saber – Instituto Professor Raimundo Pinheiro. Fundado em 2006, o Instituto é

[...] uma entidade privada sem fins lucrativos, que atua na administração de serviços nas áreas da educação informal, com a finalidade de promover e fomentar o desenvolvimento social através da inclusão, promoção da cidadania e da qualidade de vida desenvolvidos através da arte, cultura e esporte. (INSTITUTO PROFESSOR RAIMUNDO PINHEIRO)

O Instituto inclui a GR no período de março de 2007 até 2010, com uma média de atendimento mensal de 600 (seiscentas) alunos entre adultos, crianças, adolescentes e idosos, com baixa procura do sexo masculino. Entre as modalidades oferecidas estavam a Capoeira, Karatê, Futsal, Boxe, Judô, Natação, Futebol de campo, Handebol, Vôlei e Hidro ginástica complementadas com atividades culturais.

¹¹ Instrumento legal de parceria com uma entidade específica que demonstre capacidade técnica para execução do objeto disponível no site: <http://www.sudesb.ba.gov.br/>

3 AS PRÁTICAS DA GINÁSTICA RÍTMICA, SUAS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS E A CIDADE DE SALVADOR

Neste capítulo, procuramos trazer interpretações sobre a construção da GR como uma prática esportiva, buscando analisar seus elementos formadores e da mesma forma, investimos nas análises das possibilidades que a modalidade assume, seus vieses de intervenção e seus modos de operação, em relação ao universo feminino.

Outro aspecto foi a busca por compreendermos as formas de entrada da GR na Bahia, seus espaços de execução e suas experiências de prática, que são aqui, neste trecho, nosso foco específico.

3.1 A GINÁSTICA RÍTMICA, SUAS BASES E FUNDAMENTOS

Para melhor compreendermos o potencial atual visto na GR em solo baiano, cumpre-nos buscar as formas de construção de sua prática, para melhor entendermos suas raízes e fundamentos.

Ao olharmos a constituição do movimento ginástico, para além da GR, encontramos em Marinho (1957, p. 50) a referência para demonstrar que muitos e de muitas origens foram os educadores e intelectuais que pensaram e viveram a ginástica, a exemplo de: Locke (1632-1704), F. Fénelon (1651-1751), F. Hoffmann (1660-1742), J.J. Rousseau (1712-1778), J. H. Pestalozzi (1746-1827), J. F. Herbart (1776-1841), F. Froebel (1782-1852), H. Spencer (1820-1903).

As diversas correntes ginásticas que existiram, ou melhor, existem, acabam sendo a representação de um mesmo modelo de prática, que embora diferente em suas origens e repercussões, assumem expectativas de uma ação sobre o corpo, com intenção de transformá-lo segundo parâmetros, que mesmo diferentes, preveem que ele se alinhe, adeque, ou seja significado em função de parâmetros determinados e assim também é a Ginástica Rítmica.

Betti (1988) apresenta a compreensão de que a Educação Física, teve seu crescimento vinculado ao pensamento e proposições de pensadores como Rousseau (1712-1778) e Pestalozzi (1746-1827). Estes, em seus ideários defenderam uma educação naturalista, que buscava valorizar a natureza humana,

no desenvolvimento do indivíduo e a isso, de certa forma, se alinha a ginástica uma primeira forma de atuar da disciplina.

A GR, em seu desenvolvimento criou suas bases, ancorada em três movimentos de estudiosos europeus. Santos e colaboradores (1994) apresentam que a modalidade em questão nasceu dos estudos de vários personagens e que a partir do desdobramento ocorrido no âmbito da Ginástica propriamente dita, nasceu a Ginástica Rítmica.

Para melhor compreender a construção da Ginástica Rítmica, nos amparamos em Langlade e Langlade (1970). Esta obra nos mostra que a modalidade surgiu em relação a três movimentos, a escola francesa (movimento do oeste), escola nórdica (movimento do norte) e escola alemã (movimento do centro).

O Movimento do Oeste e o do Norte defendiam uma concepção científica e técnica, enquanto que o Movimento do Centro fazia a defesa de uma prática com caráter mais artístico.

Nesse processo de construção e solidificação da prática da GR, vários personagens podem ser apontados com tendo tido importância fulcral, mesmo que atuando em áreas diferentes. Na pedagogia Rousseau, Pestalozzi e Guts Muths, na música Dalcroze e Rudolf Bode, que também influenciou para inserção dos aparelhos em parceria com Medau e Isadora Duncan e Rudolf Laban com as discussões da dança.

Peuker (1974, p.13), tratando a modalidade, ainda com a denominação de ginástica moderna, destaca em sua introdução que:

O fato de a mulher possuir agora sua própria Ginástica mudou inteiramente a sua posição no mundo Ginástico. Realmente, até o começo do século, pouca diferença havia na prática entre Ginástica Feminina e Masculina. Os métodos eram criados muito mais para o homem do que para a mulher. Somente existiam a ginástica localizada, mecanizada, e exercícios de força simetricamente construídos.

Considerando o processo evolutivo da Ginástica Rítmica, Peuker (1974, p.13) apresenta o seguinte contexto:

[...] a Ginástica Moderna não foi criada repentinamente por um único autor ou determinado povo, mas por estudiosos especialistas de vários países, em diferentes fases de lenta evolução. Podemos identificar, nessa evolução, pelo menos quatro correntes de influência na formação do conjunto de atividades ginásticas que veio a se denominar Ginástica Moderna. São: a Pedagogia, a Arte Cênica, a Dança e a Música.

Na busca pelos registros sobre a Ginástica Rítmica encontramos em sua evolução diferentes títulos que não seguem uma sequência lógica ou cronológica, em relação às ideias, justificativas, tempo de prática, experiência e ou mesmo qualquer outro método aplicado para definir sua denominação.

Segundo Crause (1985) a denominação ginástica feminina moderna foi dada seguindo os critérios mais avançados, para que esta fosse distinta dos modelos conhecidos. Ainda afirma:

Em 8 de fevereiro de 1952, foi fundada em Frankfurt a Liga Internacional de Ginástica Moderna (LIGIM), com sede em Viena, tendo como primeiro presidente Hinrich Medau (Vaz, 1956 e Holler, 1972). Seu principal objetivo foi estudar, divulgar e difundir as bases doutrinárias e técnicas da Ginástica Moderna através de demonstrações e competições entre suas filiadas, destacando-se as escolas de maior expressão no ramo, como as de Medau, Bode, Jalkanen, Idla, Fröhlich, Langaard e outros. (CRAUSE, 1985, p. 1)

Sendo a Ginástica Rítmica um movimento inovador para a época, é possível compreender o porquê da variedade de terminologia durante décadas, tendo aos poucos encontrado sua identidade a partir do próprio processo de afirmação de sua prática. Desta forma compreendemos que cada um destes estudos traz elementos significativos, pelo cuidado e atenção na sua aplicação, pela diversidade de conteúdos, e a importância da sua presença em espaços educativos, esportivos e sociais.

Ainda sobre as bases da GR, Canalda Llobet (1998, p.11) afirma:

[...] as origens ideológicas desta modalidade têm como base o ritmo natural, o ballet e a Ginástica Natural. Esta última tem seu ponto de partida com Jean-Jacques Rousseau que defende o respeito ao desenvolvimento global de crianças em seus aspectos corporais naturais, valorizando o respeito à natureza humana para o desenvolvimento da personalidade por meio de experiências que lhes abrissem caminhos.

Para fora do plano mundial e olhando o Brasil, Crause (1985) registra em seu trabalho que este movimento renovador da libertação corporal feminina, chegou ao país na década de 1950, contando com a formação de professores. O III e IV Cursos de Aperfeiçoamento Técnico pedagógico aconteceram no Rio de Janeiro em 1953 e 1954 e tiveram como professora Margareth Fröhlich, austríaca, com a assistência de Erica Saur, então professora da ENEFD da Universidade do Brasil.

Nesta linha, Gaio (2007) mostra que foi a partir da década de 1950 que a GR foi introduzida no país, com um início ainda tímido, a partir de cursos que foram promovidos pela Associação de Professores de Educação Física do Estado de São Paulo. A mesma autora indica que quatro nomes foram fundamentais para sua inserção e prática em nosso país: Margareth Froehlich, Erica Saur, Ilona Peuker e Stella Mansur Guérios.

Neste processo construtivo em nosso país, a Ginástica Rítmica contou também com a atuação da professora Ilona Peuker, aluna da Escola de Movimentos. Húngara com vasta experiência em seu país e laureada na Europa chegou ao Brasil na década de 1960, com o propósito de encerrar sua carreira. Todavia, acabou logo sendo requisitada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), retomando as atividades, se tornando com isso, uma grande colaboradora na divulgação e propagação da modalidade através de cursos e demonstrações de norte a sul do Brasil.

Ainda sobre a GR e suas bases, O’Farrill Hernández e Santos Bouza (1982, contracapa, tradução nossa) dizem que:

A ginástica rítmica desportiva surgiu como esporte, na década de 1930, criada exclusivamente para a mulher, tem seus antecedentes históricos nos movimentos e sistemas ginásticos, com diferentes fins, surgidos no século XVIII em toda a Europa.

A partir desta afirmação, podemos inferir que as atividades de Ginástica Rítmica se fizeram presentes no cotidiano, independente de sua oficialidade, sua nomenclatura e definição de uma base de movimentos, podendo mesmo ter estado associada às experiências da dança e do balé.

Sem querer pensar um marco inicial ou um nome fundador, entendemos que no Brasil, a GR, teve sua introdução atrelada a um processo de formação de professores, que foram seus propagadores e os poucos cursos de Educação Física existentes, foram também importantes neste cenário e mais, o país pode contar com a influência e mesmo a presença de estrangeiros, que colaboraram com a constituição da modalidade em solo nacional.

3.2 A GINÁSTICA RÍTMICA COMO UMA PRÁTICA CORPORAL E SOCIAL FEMININA

Compreendemos que as práticas corporais sempre ocuparam um lugar inequívoco na vida das pessoas. A necessidade de movimentar o corpo, seja por qual razão, é historicamente determinante do *modus vivendi* das várias populações, em sua relação com o meio, com o outro e consigo mesmo. Assim, os gestos, as atitudes, os comportamentos individuais e coletivos, são construções e ao mesmo tempo, aquisições sociais.

Em estudos mais recentes, Goellner (2012, p. 52) apresenta que no campo da história, “[...] os estudos sobre gênero e esporte presentes no campo da história poucas vezes têm evidenciado suas relações com os aportes teóricos advindos dos feminismos”. Ainda a autora, afirma que:

[...] apesar dessa não explicitação, tais investigações foram possíveis devido à inegável contribuição proporcionada pela teorização feminista, sem a qual a categoria analítica *gênero* sequer existiria. (GOELLNER, 2012, p. 52)

Sendo assim, podemos compreender que o corpo, em última instância, é o elo de relação do ser com as mais variadas circunstâncias e elementos. Sant’anna (1995, p.12) enfatiza que o

[...] lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e fantasmas culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo um objeto histórico. Cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua. E do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele constitui e a ultrapassa. Memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registros das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não deixa de ser (re) fabricado ao longo do tempo.

Partindo dessa noção múltipla do corpo, de seus sentidos formas e representações, devemos afirmar que as atividades corporais que foram construídas ao longo dos tempos, são, na verdade, meios de relação que o indivíduo estabeleceu como forma de dar significado as experiências, gestos e atitudes e assim, o esporte e a ginástica, são suas expressões.

Ainda Sant’anna (1995, p. 12), sobre a ginástica, afirma que esta é:

Expressão bem elaborada de intervenção dirigida é a Ginástica que no século XIX, no Ocidente, afirma-se como modelo técnico de educação do corpo e integra o discurso do poder. De certo modo a Ginástica vai conferindo visibilidade a uma imagem de corpo desejada por uma sociedade que se pauta, na aparência, pela rigidez

de posturas. Voltada para o conjunto das populações urbanas, objeto central de preocupação do poder, a Ginástica garante seu lugar na opinião pública e constitui-se como um saber a ser assimilado, pois se ajusta aos preceitos científicos e é por eles explicada.

Tendo como nosso objeto de estudo a GR, entendemos que a compreensão de sua trajetória, não apenas a explica, como também dialoga com a própria cidade, com as áreas e profissionais que lidaram com sua prática, isso, tanto num plano macro, como micro, destacando que nosso foco é sobre Salvador, sem perder a visão do todo.

Diante destas influências, a GR manteve clara relação com os princípios estéticos, estando indissolúvelmente associada e suscetível às influências artísticas da música e da dança.

É possível destacar dois grandes representantes da dança que influenciaram a GR, como Isadora Duncan (1878-1929) conhecida como a bailarina dos véus, e Rudolf Laban (1879-1958) pelo trato dado ao movimento.

Isadora Duncan ficou também conhecida como a “Bailarina dos pés descalços”, por ter deixado de lado as sapatilhas e adereços, na busca do movimento natural e fluente. Rudolf Laban foi um defensor da liberação da alma e do corpo, vistos de forma conjunta.

Sobre este processo, Langlade e Langlade (1970, p. 11) afirmam, que as:

[...] contribuições surgidas até Dalcroze, não possuíam um conteúdo essencialmente ginástico, sendo Bode o verdadeiro criador de um sistema que caracterizou diferenças entre a ginástica e dança. Difundido na Alemanha, converteu-se em cerne de discussões, pelas suas formas de movimentos, preferencialmente criados para a mulher.

Entendemos então, a ginástica rítmica, como uma prática esportiva contemporânea, que deve “[...] seu surgimento [...] a partir de algumas escolas de ginástica que começaram a misturar a música nos exercícios tradicionais da Ginástica Artística”. (CORAT; ALMEIDA, 2012, p. 2)

Ainda sobre as contribuições para a construção da ginástica, Santos e colaboradores (1994) afirmam que a utilização de aparelhos, são, na verdade um recurso metodológico, de forma a potencializar a construção de movimentos que pareçam mais fluidos e elásticos, com uma ritmicidade mais aparente. Tal argumento nos permite identificar na GR, possibilidades formativas, em suas várias dimensões, que colaboram em um desenvolvimento, que se quer amplo e total.

Nedialkova, Soares e Barros (2006) afirmam ser possível a estimulação e desenvolvimento do ser, tendo por base a vivência de uma série de experiências motoras e sensoriais. Desta forma, cremos que a GR, dentro de seu espectro de movimentos pode servir para colaborar a desenvolver habilidades motoras e mesmo, qualidades físicas de base. Para tanto, a modalidade pode se valer dos objetos que podem ser os específicos da modalidade ou não, suas sessões podem ser concebidas em função de variados objetivos, dependendo para tal, das formas de pensar de quem com atua com sua prática.

3.3 OUTRAS FORMAS DE PENSAR A PRÁTICA

As possibilidades formativas do ser não se limitam ao acesso as práticas formais e compromissadas. Há também um quadro de ações educativas, que se dão em variados espaços, sob diferentes objetivos e a partir de diferentes interesses. Neste sentido, as atividades de lazer assumem referência, por conta de sua vinculação a motivações e interesses do ser e por poder se construir, tendo por base as aspirações individuais e coletivas.

Sobre a GR, nos perguntamos sobre o papel social e de lazer desta prática? É possível praticá-la apenas como lazer? Para Brito Filho (2015, p. 30),

[...] os conteúdos do lazer se estabelecem como possíveis estimuladores de novas vivências e experiências, visando o desenvolvimento individual e coletivo e mais ainda, o aumento das possibilidades de leituras acerca das ações e atividades experimentadas.

Sendo assim, sob esta perspectiva, a GR pode ser um conteúdo do lazer, assumindo então outra possibilidade de intervenção, e desta maneira é possível considerarmos a Ginástica Rítmica, a partir da rotina educativa e do aspecto social do lazer, isto, por concordarmos com Brito Filho (2015, p. 28), quando este propõe:

A vivência fruída de atividades e manifestações culturais, de padrões estéticos diversificados, quando em diálogo com as diversas representações e compreensões, permitem um desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos, sendo mesmo uma proposta para a superação as faltas de alternativas e os prazeres superficiais e provisórios.

Detendo-nos na execução e apresentação dos exercícios da GR, Nedialkova, Soares e Barros (2006), afirmam que a GR pode ser uma atividade que integra os valores, saberes e vivências da arte e do desporto, vistos como elementos da cultural. Suas características físicas e técnicas, associadas aos possíveis usos de aparelhos, dão a modalidade um potencial formativo, que contribui para a ação e participação plena do ser.

Estes dados nos permitem dizer que a GR está fundamentada em bases pedagógicas, divulgada e consolidada no Brasil através de uma orientação competitivista e traz em sua evolução, as características de exercícios naturais, expressão estética do movimento, movimentos rítmicos e globais, desenvolvimento integral do ser humano, movimentos criados preferencialmente para a mulher e a utilização de aparelhos manuais, que são: corda, arco, bola, maçãs e fita.

Seguindo a mesma direção, esta atividade se centra no movimento humano feminino, organizada e categorizada, com sentidos e vivências que envolvem a praticante na busca por padrões máximos de execução. Esta modalidade olímpica visa através das provas individuais e de conjunto, o desempenho artístico nas competições em integração entre música e movimento, mas também permite a exploração das possibilidades de cada praticante.

3.4 A GINÁSTICA RÍTMICA EM SALVADOR

Entendemos que as ações desenvolvidas na cidade, durante a década de 1970, foram mantidas, associadas ao perfil desportivizante pensado para a Educação Física no momento. O intuito foi o desenvolvimento esportivo, associado a um ideário cívico, para a promoção das práticas das modalidades diversas, com foco no espaço estudantil e na participação de equipes representativas do Estado da Bahia em eventos nacionais através do Departamento de Educação Física criado pela Lei nº 3.095 de 26 de dezembro de 1972, hoje Sudesb, que teve como princípio orientar, coordenar, difundir e supervisionar a prática de Educação Física na Bahia.

No mesmo período, em seu Jubileu de Prata, que aconteceu em 1973, o SESI inaugurou as instalações esportivas e recreativas do Clube do Trabalhador Jayme

Villas Boas Filho – Centro de Atividades de Itapagipe¹², que pareceu ser a preparação para implantar no ano seguinte, o programa de Iniciação esportiva.

Em 14 de novembro de 1973 o Departamento Nacional do SESI lançou um plano de integração de operários e dependentes, tendo a prática esportiva e da Educação Física como referência.

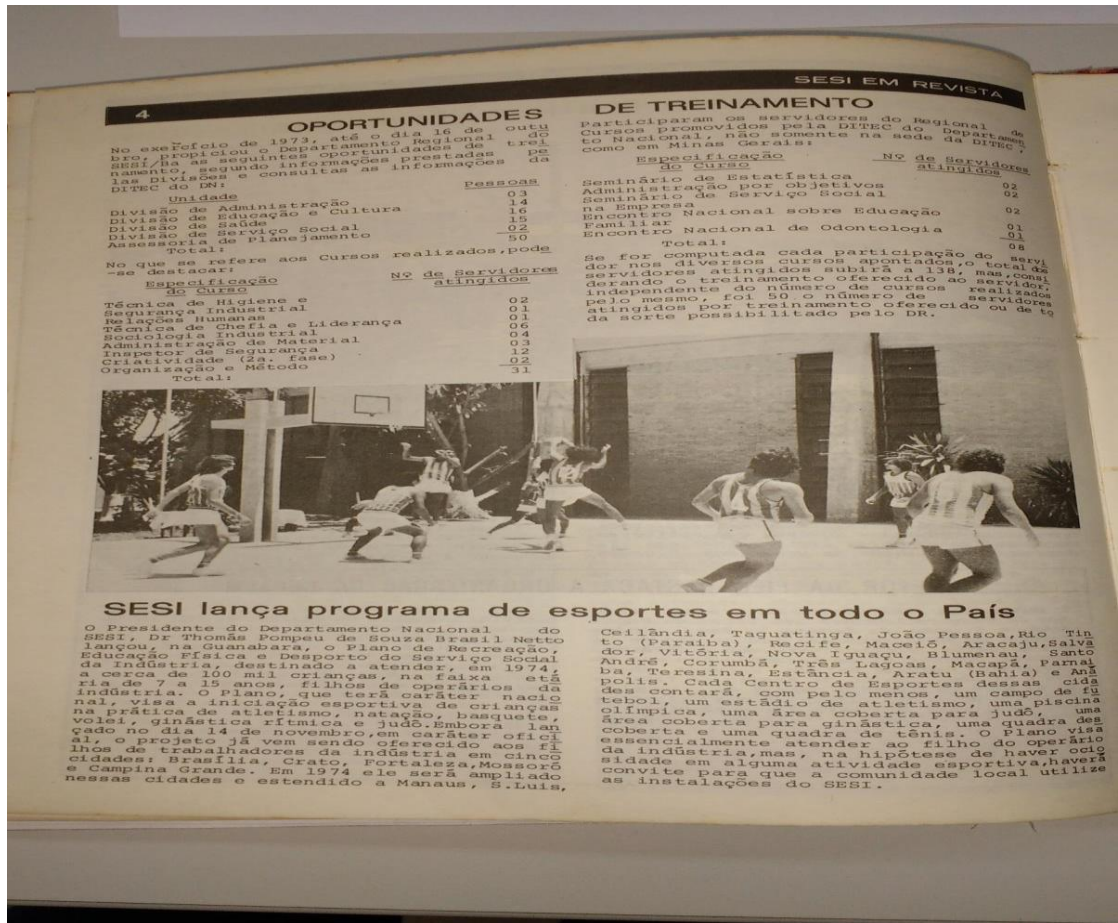
Segundo declarações do então Diretor Dr. Thomás Pompeu, divulgada no *Boletim Industrial FIEB*, tal plano, em nível nacional, objetivou atender 100 mil crianças:

O plano de caráter assistencial, integrativo quer formar centros de esportes em massa, tal como acontece em países europeus, onde grande número de pessoas pratica esportes em centros comunitários com o objetivo de formar uma elite esportiva. (SESI..., 1973, p. 11)

A partir desta chamada, estava aberto o espaço para instalação da Ginástica Rítmica nos espaços do Serviço Social da Indústria, na Bahia. Em 1974, tal instituição trouxe uma equipe de seis professores da Escola Nacional de Educação Física, para implantar em Salvador o “Programa de Iniciação Esportiva”. Esta equipe apresentou um curso, com conteúdos para a formação de professores e outro para os usuários da indústria e seus familiares. Nesta turma estava cerca de 20 por cento dos alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Católica do Salvador e uma média de dez alunas que se destacaram na iniciação esportiva e permaneceram no SESI, dando início às atividades de Ginástica Rítmica no CAT – Itapagipe.

¹² Publicado do *Boletim das Indústrias FIEB*, Ano 8, n. 104, nov. 1973, p. 4.

Figura 6 – Programa de Esporte do SESI



Fonte: SESI... (1973, p. 4)

A proposta era ao final do período de formação, de quarenta e cinco dias, definir qual professor, dos que tivessem participado do curso, a partir de seu desempenho e conhecimento, seria indicado para dar continuidade ao trabalho para atendimento aos industriários e seus dependentes no Clube do Trabalhador Jayme Villas Boas Filho.

O CAT – Itapagipe está localizado na cidade baixa, próximo à chamada Colina Sagrada, área de valor histórico e sentimental a sociedade soteropolitana. Alex Pereira (1993) afirma que há mais de cinco mil anos, a área da Colina era uma ilha, mas que pela deposição de novos sedimentos acabou por ter um aterramento natural, na região entre a Calçada e o Bonfim, formando inclusive a península Itapagipana.

A Península Itapagipana é formada por bairros, como: Calçada, Baixa do Fiscal, Mares, Jardim Cruzeiro, Massaranduba, Uruguai, Roma, Dendezeiros,

Bonfim, Monte Serrat, Boa Viagem, Luís Tarquínio, Caminho de Areia e Ribeira. Estima-se que seja habitada por uma população de 170.725 pessoas¹³, com a maioria de sua população localizada no bairro do Uruguai. Tendo sido uma área que passou por um processo de industrialização (em fases diferentes), esta área foi ponto de residência e atividade de trabalhadores da indústria e familiares, sendo importante para entidades como o SESI, que ali instalou um espaço de atenção ao seu público associado e nele, foi desenvolvido o plano de formação esportiva, com práticas de GR.

No Plano, numa primeira investida foram atendidos 1.000 (mil) usuários, entre titulares e dependentes, nas modalidades de Basquetebol, Handebol, Judô, Natação e Ginástica Rítmica¹⁴.

A partir de então, o SESI alimentou o cenário esportivo na cidade, mudou o trato com os esportes na década de 1970 sua inserção na escola, lançando muitos atletas, principalmente de Ginástica Rítmica, desde esta primeira fase. Assim, ao tempo em que oferecia a modalidade, alimentava as seleções que participaram dos Jogos Escolares da Juventude¹⁵. Sobre os JEB's os autores Arantes, Martins e Sarmiento (2012, p. 918) apresentam sua análise dos dados:

Na apresentação dos dados relevantes, decidiu-se pela divisão dos 41 anos dos Jogos Escolares Brasileiros em quatro fases, que foram denominados pelo pesquisador na forma que se segue: primeira fase de 1969 a 1984, chamada de "O Início", segunda fase de 1985 a 1989, chamada de "Esporte Educacional", terceira fase de 1990 a 2004, intitulada "Procurando Identidade" e a quarta e última fase de 2005 a 2010 cujo nome dado foi "Encontrando o Rumo".

Os mesmos autores, numa análise sobre o percurso dos Jogos Escolares (que levou diferentes denominações), afirmam que tal evento foi um estímulo a formação esportiva, já com mais de 40 (quarenta) anos de atividades.

Sendo ainda uma modalidade oficialmente tida como feminina, a GR ajuda a entender a presença feminina no cenário esportivo brasileiro, contribuindo com os números que demonstram a participação da mulher neste espaço. Sobre este tema,

¹³ Dados do IBGE, de 2000.

¹⁴ Informação extraída do *Boletim das Indústrias FIEB*, Ano 9, n. 108, p. 5, jan. 1974.

¹⁵ Neste artigo, usa-se como expressão genérica a designação Jogos Escolares Brasileiros, em caixa alta, para se referir ao conjunto de eventos realizados no período de 1969 e 2010, a saber: Jogos Estudantis Brasileiros (Jeb's), Jogos Escolares Brasileiros (Jeb's), Campeonatos Escolares Brasileiros (Ceb's), Olimpíada Colegial da Esperança (OCE), Jogos da Juventude (JJ) e a atual Olimpíada Escolar (OE).

Goellner (2006) analisa a crescente participação de atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos, a partir dos anos 1970 no voleibol e basquetebol, aumentando nas décadas de 1980 e 1990. Todavia, apesar dessa crescente, vemos que a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela, considerando que:

Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que a participação delas como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens. (GOELLNER, 2006, p. 94)

Quando olhamos a Bahia e mais, da GR baiana neste movimento esportivo estudantil nacional, a partir da fala da Professora Maria Lúcia Maltez vemos esta dizer ter sido indicada, em 1973, pelo Departamento de Educação Física da Secretaria de Educação e Cultura, como técnica da Seleção Baiana de Ginástica Rítmica Desportiva, como era denominada a GR. Foi neste ano que se deu a primeira participação da Bahia, nesta modalidade, nos Jogos Escolares Brasileiros (Jeb's) que aconteceu em Brasília, DF. O grupo dirigido pela professora foi formado por atletas de várias escolas públicas, que ainda representaram a Bahia em eventos esportivos por ao menos, mais cinco anos.

Ao mesmo tempo em que se dava essa participação competitiva, a continuidade da iniciativa do SESI de iniciação esportiva, permitiu o atendimento a alunos e alunas, na faixa etária de 07 a 16 anos, matriculados no Centro de Atividades de Itapagipe. Posteriormente, este atendimento foi também levado para o Centro de Simões Filho e Feira de Santana, com atividades no contra turno das aulas regulares, contando também com diferentes modalidades, inclusive a GR.

O programa de iniciação esportiva que foi proposto e desenvolvido pelo SESI buscou proporcionar às famílias e aos alunos filhos de industriários, e mais tarde uma parcela da comunidade, ganhos em esferas diversas, além de ter também colaborado com a formação de professores.

A nosso ver, a idealização e execução desse plano de formação esportiva pelo SESI corresponderam, em sua forma, ao que afirma Gil (2010, p. 31):

[...] que a história da inovação na educação é uma amálgama de grandes ideias, momentos brilhantes e oportunidades perdidas. Em todo caso, as inovações sempre aparecem vinculadas a questões ideológicas, sociais e econômicas e, para serem consideradas dessa forma, dependem da conjuntura de onde emergem de quem serão seus promotores e da incidência e extensão que adquiram.

Neste contexto, reconhecemos que a relação programática entre esporte, lazer e educação, acaba por potencializar desenvolvimento de valores, aspirações e ainda, afirma o acesso ao direito constitucional a estes bens sociais ao lazer. O Programa preconizava o acesso a ações socioeducativas, artísticas e lúdicas, visando à construção da cidadania, a socialização, a prática competitiva e a ocupação do tempo disponível, através da integração e inclusão social dos alunos e alunas matriculados em projetos de iniciação esportiva. Assim, dessa forma, o SESI, desde a implantação do Programa pode atender, entre 1970 e 1980, estudantes da região metropolitana e subúrbios de Salvador.

Figura 7 - Grupo Mirim de GR do SESI



Figura 8 - Premiação Equipe Mirim Individual



Figura 9 - João Alfrêdo premiando Nuzânira Milhas



Figura 10 - Grupão SESI 1976



Fonte: Acervo pessoal da autora

Considerada por Arantes, Martins e Sarmiento (2012) como uma das modalidades “básicas” que aparecem em quase todas as edições dos jogos estudantis, a GR está presente no núcleo de modalidades centrais da competição, presente em todas as edições dos jogos.

A proposta de execução da GR a partir de séries obrigatórias e, mais tarde, parcialmente obrigatórias, serviu e serve para facilitar da modalidade e o próprio trabalho de quem com ela lida Ingeborg Crause (1985), como também, colabora na inserção das atividades de GR no ambiente escolar.

A Bahia, na GR, sempre pode contar com representação significativa nos Jogos Escolares Brasileiros – Jeb’s. Nesta competição, habitualmente temos uma média de participação de 15 a 18 estados por edição, enquanto que nos eventos promovidos pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), por conta da exigência técnica, bem como o custo de manutenção e o deslocamento das equipes, vemos mais ou menos 4 estados e 7 clubes. Assim, nos é possível afirmar, que para a GR, os JEB’s assumiram relevância em seu desenvolvimento, em sua dinamização pelo país, mais até do sua própria entidade organizativa.

Todo este movimento e a investida do Programa de Iniciação Esportiva do SESI coincidiram com a instalação do primeiro Curso de Educação Física da Bahia, na Universidade Católica do Salvador.

Pelos registros de Pires, Rocha Junior e Marta (2014), Salvador viu serem operadas várias tentativas de materialização de um curso, fato essencial dada à carência de professores. Os mesmos autores afirmam que em 1962 aconteceu um ensaio para montar o curso superior, efetivado pelo Departamento de Educação Física, Recreação e Esportes (DEFEBEA).

Três anos se passaram, até que em 1965,

[...] no Governo de Antônio Lomanto Júnior, foi retomado o debate sobre a criação de um curso. O DEFEBEA, dirigido por João Alfredo Soares de Quadros, encaminhou por meio do processo 226/65, de 03 de maio de 1965, uma solicitação ao Governador para a criação de uma escola superior de EF. (PIRES; ROCHA JUNIOR; MARTA, 2014, p. 210)

Ainda Pires, Rocha Junior e Marta (2014) continuam apresentando que o processo tramita dentro da normalidade, com alguns percalços, mas somente em 1969, no Governo de Luiz Viana Filho foi que se indicou mais uma vez a probabilidade de estabelecimento de uma escola superior de Educação Física, entretanto, tal expectativa, mais uma vez, “morreu na praia”, por falta de professores credenciados.

Apesar de Salvador ter vivido um quadro de ampliação e manutenção das atividades e ações desta e de outras modalidades esportivas, demorou a ser instituído um curso superior de Educação Física no estado da Bahia.

Ainda segundo Pires, Rocha Junior e Marta (2014), apesar de algumas iniciativas, foi só em 1973 que foi implantado o primeiro Curso de Educação Física da Bahia, na Universidade Católica do Salvador, culminando um processo organizado, projetado, negociado, pela colaboração e empenho de vários profissionais, quase todos graduados na ENEFD como Alcyrr Ferraro, Newton Miranda, Georgeochoama (este egresso da Escola de Educação Física do Exército), Fernando Chagas, em tempos e segmentos diferentes, e outros apaixonados pela área esportiva como João Alfredo Soares de Quadros.

Na estrutura do currículo havia, segundo Pires, Rocha Junior e Marta (2014, p. 219):

[...] 36 disciplinas. Era perceptível a separação entre as disciplinas para homens e para mulheres, mais notadamente nos 5º e 6º semestres, mas ambos os gêneros eram obrigados a cumprir 36 disciplinas para a conclusão do curso. Das 36 disciplinas do currículo da UCSAL na sua fundação, 05 organizavam seus conteúdos à luz das Ciências Humanas, 06 tratavam do conhecimento pedagógico, 08 se pensavam com base nas Ciências Biológicas e 17 eram de cunho técnico-desportivo.

Dentre as 17 (dezesete) disciplinas de cunho técnico desportivo estava a Ginástica Rítmica, nosso interesse para este estudo.

É possível observar o peso da formação esportiva, fato que bem representa a influência do quadro disciplinar e do modelo formativo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) sobre a UCSAL, que seria até de certa forma normal, já que esta era mesmo uma escola modelo (MELO, 1996), não fosse, o curso da Católica de Salvador ter sido criado já na década de 1970, quando a ENEFD já não existia como referência. Tal aspecto bem denota, que a Bahia, com atraso, viu acontecer à formação em Educação Física, entretanto, nos interessa perceber que o debate sobre a Ginástica e a Rítmica estava ali instalado.

Apesar de ter estado no quadro inicial das disciplinas formativas em Educação Física, se olharmos para a atualidade, este componente curricular já não faz parte, de maneira maciça, dos Cursos de Educação Física, como conteúdo

obrigatório, ao menos na Bahia, mantendo sua presença como disciplina optativa ou existindo em projetos de extensão. Sendo assim, a GR, ainda continua a provocar interesse, fator denotado nas ações que são desenvolvidas nos cursos.

Aqui, neste ponto, a autora, pode mais uma vez se colocar ao mesmo tempo como informante, já que ainda desenvolve ações docentes com a GR no Curso Superior. Assim, tem sido possível perceber que a busca pela GR se dá por aspectos diversos, que vão desde a curiosidade por conhecer a prática, até pela simples busca de complemento de carga horária, ou mesmo, pelo reconhecimento de seu valor social e educativo e ainda, seu potencial desportivo/competitivo.

É importante destacar que apesar desta ausência nos cursos de Educação Física, tem significativo o número de multiplicadores que passaram a atuar no ensino da disciplina, seja no nível fundamental e médio, como no superior. Destacamos que estas pessoas que passaram e ainda passam a atuar com a GR na Bahia, trazem consigo experiências e motivações que foram construídas em seus tempos de vivência escolar ou em sua formação em Educação Física. Tal situação faz com a modalidade se mantenha potencial, tendo repercussão no cenário estadual, seja como conteúdo de uma disciplina, como prática de lazer ou competitiva.

Tal quadro, atual, nos reforça a compreensão de que a ginástica foi e mesmo é uma atividade formativa, que lida com o corpo e que ao longo dos tempos, assumiu feições diversas, a partir das variadas influências e contextos que a compuseram. Assim, a GR, como um expoente desta experiência corporal tem vivido em solo baiano, contextos que a tem feito permanecer como prática esportiva, mesmo que a realidade não aponte para a expansão dos esportes, haja vista a carência de ações públicas.

Ao observamos o cenário baiano, vemos a GR presente na área educacional e esportiva de Salvador, escolas e clubes, sem descartar que um dos primeiros espaços a dar visibilidade a Ginástica Rítmica em Salvador, foi Olimpíada Baiana de Primavera.

Este evento de grande porte aconteceu nas décadas de 1960, 1970 e 1980, sempre com a abertura realizada no Estádio Octávio Mangabeira – Fonte Nova, no mês de setembro, quando tradicionalmente aconteciam os jogos, coincidindo com o início da primavera. Os jogos eram realizadas no Ginásio de Esportes Antonio

Balbino, mais conhecido como Balbininho, entre os colégios, contando com várias modalidades.

O projeto baiano surgiu, segundo Ferraro (1991, p. 44) na tentativa de se “realizar algo semelhante aos Jogos da Primavera do Rio de Janeiro onde participavam apenas mulheres esportivas e consideradas na época uma maravilha em termos promocionais”.

A primeira edição da Olimpíada Baiana da Primavera foi realizada em 1959, pelo esforço conjunto dos professores Alcyr Ferraro, Newton Miranda e Luiz Florence, com divulgação pelo jornal *Diário de Notícias*. Nesta edição foram disputadas várias modalidades e entre elas estava a ginástica, no entanto, não fica claro se especificamente a Ginástica Rítmica.

A partir destes elementos, buscamos apresentar um painel geral da cidade de Salvador e sua relação com a Ginástica Rítmica na sua construção histórica. Não estamos tentando apresentar padrões definitivos, mas observar as diferentes possibilidades de observação do estudo e a partir desta iniciativa escolher uma vertente que atenda os objetivos desse trabalho, no afã de entender e registrar os caminhos traçados pela Ginástica Rítmica para sua organização e sistematização no espaço social, educativo e esportivo baiano.

A Bahia palco deste cenário, hoje tem um número significativo de mulheres, crianças e adolescentes do gênero feminino, que buscam a prática da ginástica e das atividades rítmicas, não como busca da estética, mas para um processo de autoconhecimento, realização pessoal ou lazer. Esta linguagem corporal vem se firmando na sociedade como processo rico, multi, promovendo uma autoafirmação e levando o indivíduo sujeito a perceber sua importância no espaço social, otimizando a aprendizagem, as relações sociais e as intervenções críticas.

A Ginástica Rítmica neste processo é um marco no que se refere à busca das mulheres por novas alternativas, saberes e integração social, assim, não devemos desconsiderar a importância deste movimento para o processo de educação e inserção do papel feminino na história do esporte educacional na Bahia.

Reviver a memória das práticas corporais femininas na Bahia, no século XX, especificamente a ginástica, representa discorrer sobre o comportamento das mulheres, o que as levaram a buscar essa prática e quais os reflexos desta prática em suas vidas. Trata-se também de deixar registrado o legado de um grupo que avançou no tempo e venceu as barreiras do preconceito, impondo-se socialmente

num período histórico onde a mulher era privada de liberdade, e afirmando prioritariamente a liberdade de escolha sobre suas práticas, assim como os benefícios destas para a sua afirmação social e suas opções de lazer.

Este resgate na área acadêmica é algo importante, para podermos dar continuidade à história da Ginástica Rítmica em nosso estado, seu registro, e com isso entendermos o crescimento relevante dessa modalidade em Salvador, que no correr do tempo foi tomando diversos rumos, ganhando espaços e conquistando cada vez mais adeptos.

Figura 11 - Premiação Estadual de GR, 1975. Figura 12 - Quarteto Mãos Livres (ML) - Jequié, Ba, 1977.



Pensando nosso cenário específico, a Bahia, vemos que a modalidade se espalhou em escolas da rede pública, particular e no SESI. Os uniformes e aparelhos usados pelos grupos eram adaptados, pois não chegavam à cidade os aparelhos oficiais, havia dificuldade na troca de informações com outros centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, fazendo com que o processo acontecesse pela curiosidade, ou mesmo pela criatividade.

Figura 13 - SESI Bahia JEB's, 1987



Figura 14 - Sala de aula CAT – Itapagipe



Fonte: Acervo pessoal da autora

Pensando o desenvolvimento da GR em Salvador, já vimos que um dos ícones da modalidade, Maria Lúcia Franco Maltez iniciou sua trajetória de professora na aplicação da Ginástica Feminina, hoje Ginástica Rítmica no Colégio Estadual Góes Calmon, localizado no Bairro de Brotas, para as turmas femininas que frequentavam da 1ª a 4ª série do “ginásio”.

O primeiro registro de participação de atleta ou grupo de GR em Salvador está no relatório da Divisão de Educação Física Recreação e Esportes (DEFRE) da XI Olimpíada Baiana da Primavera – 1969. Neste evento vimos ser premiada como melhor professora, exatamente, a já citada Maria Lúcia Franco Maltez, treinadora da Ginástica Feminina como era denominada neste período, representando o Colégio Estadual Góes Calmon. Tal situação se repetiu em 1970¹⁶.

Dessa forma, podemos considerar que na Bahia, as práticas escolares foram centrais para uma maior visibilidade e circulação da GR, mesmo reconhecendo que a modalidade era geralmente praticada em espaços e com objetos adaptados em relação à forma e material, pois como já visto, Salvador careceu e carece de arenas esportivas.

Esta situação baiana, de certa forma se assemelha ao que Soares (1998, p. 24) aponta sobre as formas de “nascimento” da GR:

[...] a atividade livre e lúdica, encantatória, do acrobata devia ser redesenhada no imaginário popular. Em seu lugar e a partir daquele universo gestual, nasceriam as “séries de exercícios físicos”, pensados, exclusivamente, a partir de grupos musculares e de funções orgânicas, a serem aplicados com finalidades específicas úteis, e não como mero entretenimento. Assim, nascia a ginástica rítmica no espaço escolar na década de 50, com acrobatas da ginástica.

Num olhar mais detido sobre Salvador, encontramos dentre as unidades de educação, algumas escolas que desenvolveram a modalidade e de onde saíram várias praticantes que vieram a representar o Estado da Bahia nos Jogos Escolares Brasileiros na década de 1970.

A primeira experiência da equipe representativa de GR do SESI aconteceu em 1974, logo após o curso de iniciação esportiva, no II Campeonato Norte-Nordeste de Ginástica Rítmica Moderna em Aracajú, SE, no período de 17 a 20 de outubro. Faziam parte da equipe quatro ginastas iniciantes, duas professoras de

¹⁶ Comunicação oral em conversa com a Professora Maltez.

Educação Física e duas professoras de Dança do CAT – Itapagipe conforme texto da autora publicado no boletim *SES/ Esporte* (ANEXO A). Inexperientes na organização e prática da modalidade como atletas, mas comprometidas, principalmente pela confiança, apoio e incentivo dado pela chefia de esportes do CAT – Itapagipe. No evento a equipe apresenta uma série obrigatória de conjunto com corda e uma série livre de conjunto com bola além de participar das provas individuais de corda e bola.

Por fim, numa leitura mais plena entendemos que a Bahia, acabou sendo um palco expressivo de prática da GR e segue sendo, influenciada pelas ações de docentes e praticantes que souberam dar a modalidade visibilidade, valor e mais, dialogaram com as realidades educacionais locais, sabendo fazer valer os espaços de educação esportiva que surgiram ou foram criados e ainda, atuaram na formação de um quadro profissional que ajudou a dar prosseguimento às atividades com a GR.

4 A GINÁSTICA RÍTMICA NA BAHIA: PERSONAGENS E FATOS

Salvador é uma cidade múltipla e vasta, com uma história já longínqua e intensa, ao mesmo tempo é uma localidade marcada por muitos recortes e diferenças, de ordens diversas. Suas marcas sociais e culturais a fazem única no cenário nacional e lhe dão um grau de peculiaridade e particularidade, que pouco se vê no resto do país.

Em seus múltiplos lugares, um desponta como tendo de uma trajetória que bem dialoga com a diversidade da cidade, a assim chamada Cidade Baixa. Tal denominação não é aleatória, ela reproduz a geografia da cidade e tem em seu constructo social e imaginário, uma série de elementos que povoam a cena cultural baiana e mesmo nacional.

A Cidade Baixa ganha notoriedade própria, seja por suas belezas naturais, seus encantos culturais ou até por seus ritos festivos, que fazem crescer os olhares de quem nela não habita e os gostos de seus moradores.

Muitas poderiam ser as razões de melhor se ver e conhecer a Cidade Baixa, a exemplo de suas praias, banhadas pelas águas da Baía de Todos os Santos, seus monumentos históricos, como os Fortes e as Igrejas, suas festas, como a da Lavagem do Bomfim e mesmo, sua gente, que mantém ares de interior, em uma larga zona de uma grande capital. Ainda, não podemos deixar de citar, as dificuldades vividas pelo lugar e seu povo, com as desigualdades econômicas, o tradicional descaso do poder público, a escassez de serviços e bens, todavia, mesmo assim, este local brilha e dá vida a capital baiana.

Para nós, neste estudo, interessa apontar que este espaço, digno de nota por si, foi para a GR de Salvador e da Bahia, fundamental e isto, por sido de um espaço que serviu como arena das práticas, senão iniciais, centrais da modalidade.

Foi na Cidade Baixa que se instalou a GR. A modalidade, assim como a localidade, traz em si a beleza e a riqueza de verdadeiras paisagens e de movimentos, no caso, os físicos da GR e os naturais da Cidade Baixa. As duas se misturam por trazerem encanto e fulgor, ao mesmo tempo em que fazem brilhar olhos e sentidos de quem as vê e vive e são capazes de criar admiração e paixão.

De maneira mais exata, foi a Península de Itapagipe que recebeu as ginastas do SESI, pois foi ali que se instalou a sede que serviu de espaço para as aulas e treinamentos da modalidade. Sendo assim, por ali passaram praticantes de vários

tipos e de diferentes interesses, que apenas viveram ou que se aprofundaram nas experiências com a modalidade. De toda forma, este foi um palco importante a GR baiana.

Figura 15 - Competição de GR no espaço SESI - Itapagipe, 1978.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Por este cenário e palco da GR baiana passaram personagens, que foram praticantes e que nele deixaram marcas, seja por sua *performance*, seja por seu envolvimento e dedicação, enfim, importa dizer que foram muitas as mulheres que souberam e puderam viver as experiências com a prática e aqui, depois de ilustrar o espaço da ação, procuramos dar voz a algumas destas pessoas, na tentativa de lhes permitir trazer memórias pessoais, que são também as da modalidade.

Não seria possível ouvir a todas, de todos os momentos, mas sabemos que as que aqui falam, expressam os muitos desejos e impressões das outras tantas que aqui não aparecem.

Assim, aqui buscamos resgatar e conhecer a influência dos personagens, sua experiência no esporte, na ginástica e em particular na GR, seus vínculos emocionais e seu papel no desenvolvimento desta história. Desta forma a narrativa é uma apresentação livre das ligações emocionais durante a experiência na prática da modalidade, principal personagem desta história.

Para pensar as formas de compreender a ginasta e seu corpo, encontramos em Hosana Pereira (2013, p. 21), a compreensão de que podemos entender que o “corpo” que se inicia nesta prática como “[...] movimento, linguagem, gesto, sensibilidade, “objeto” do mundo, atado a ele e um meio de comunicação com ele”.

Prosseguindo, a autora esclarece que

Uma obra de arte aberta, inacabada, imersa em significações. Um corpo expressivo que se relaciona com outros corpos, e nessa interação cria possibilidades inovadoras para sua relação com o mundo. Um corpo que ao se apropriar de uma técnica, pode expressar-se artisticamente e imbricar-se no mundo produzindo uma cultura. [...] é na fenomenologia de Merleau-Ponty que buscamos fundamentar as reflexões sobre o corpo que vislumbramos na GR. (PEREIRA, H., 2013, p. 21)

Este é o corpo da ginasta. Tantas “Marias” que se encontraram para juntas, descobrir suas potencialidades entre os manejos dos aparelhos, a disciplina na rotina das aulas e treinamentos, na descoberta pelas preferências musicais, a construção das séries, seja no individual e ou no conjunto, as manias, desconfianças, ciúmes e principalmente, o compromisso pessoal assumido ao entrar no SESI e numa turma de GR. Estas meninas, hoje adultas, transformaram, ensinaram, trocaram as experiências da adolescência por meio da GR e construíram o seu e o nosso futuro.

E os nomes, quantas? Dispensamos a identificação, pois todas são importantes.

Buscar o entendimento para esta construção coletiva, encontramos seu significado na produção humana do desejo, a vontade de fazer, conviver e trocar três dias, doze horas ou mais da semana, viagens, pelas risadas e choros, para ser a Ginástica Rítmica do e no SESI, numa construção coletiva de imagens artísticas, entrelaçadas pela música, um desejo no conjunto de aprender e chegar à totalidade

da outra sincronizando os aparelhos, os movimentos coreografados por múltiplos corpos e nesta perspectiva a ginasta ao tomar consciência do corpo ela percebe que existe.

Um primeiro personagem dessa nossa apresentação é a professora Maria Lúcia Maltez, que foi inclusive, a responsável pela apresentação da GR a pesquisadora que aqui escreve.

Figura 16 - Maria Lúcia Maltez em atividade de GR com arco, no ICEIA na década de 1950.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Maria Lúcia Maltez contou para sua formação com o ensino das professoras Odete Franco e Isaura Gazineu, ambas formadas na ENEFD – RJ. Franco e Gazineu implantaram a GR em vários clubes de Salvador, como uma prática associada ao *ballet* clássico e também no ICEIA, então, um colégio de referência.

No ICEIA, a GR era uma atividade comum às turmas femininas e neste período, Maltez atuava como uma “guia” para as turmas de Educação Física. Seu envolvimento com a prática acabou por lhe gerar uma motivação para também cursar a Faculdade de Educação Física e sua atuação na escola soteropolitana, lhe garantiu acesso à bolsa de estudos, condição fundamental para se cursar a ENEFD e já aluna desta instituição, teve contato com a Ginástica Feminina Moderna, trabalhada pela professora Erica Saur.

Maltez registra que em sua passagem pela ENEFD trabalhou com Erica Saur e Ilona Peuker, ambas os nomes centrais na instalação da GR no Brasil. Com esta experiência e vivência com nomes fundamentais, em sua volta a Bahia, entre outros espaços onde desenvolveu a modalidade, Maltez formou no Colégio Estadual Góes Calmon, o Grupo de Elite da então Ginástica Feminina Moderna, destinado a representar o Colégio em eventos, como a Olimpíada Baiana da Primavera. Com o avançar do tempo, paulatinamente e conforme a evolução da modalidade, Maltez pode fazer progredir a GR na Bahia, introduzindo técnicas e mesmo os aparelhos oficiais da GR.

Maltez foi também a responsável por levar a GR para a Polícia Feminina da Bahia. Em 1973 passou a representar a Bahia nos Jogos Escolares Brasileiros com a primeira equipe de GR, na época GRD, obtendo o título de Vice-campeã geral em 74 e 78, e ainda, formou o Conjunto de Ginástica da Bahia (CONGIBA) que teve vida ativa até 1979.

É interessante perceber que as pessoas, no caso, as mulheres baianas que se envolveram com a GR e assim o foi com Maltez, e com a própria autora do texto, que assumem vínculo emocional com o próprio processo de construção da Ginástica Rítmica, que passou a ocupar suas vidas, de forma a lhes dar meios de se identificarem e serem reconhecidas pela atividade, na vida pessoal e profissional.

Confirmando essa “apropriação”, Betti e Mizukami (1997, p. 111) apontam a interação e influência dos acontecimentos que se dão na vida pessoal, familiar e profissional de uma professora, sendo assim responsáveis por influenciar orientações e projetos de vida.

Completando esta retrospectiva e revendo diferentes momentos da minha trajetória profissional, via o processo de formação, não posso dispensar de citar o professor Alcyr Ferraro e equipe de professores da primeira turma de Educação Física da UCSAL, entre eles o professor Carlos Pimentel que trouxe do SESI, local

onde era lotado como professor de Atletismo, a divulgação do Curso de Iniciação Esportiva, local e ambiente que desencadeou no processo de colaboração na organização da GR em nosso estado, estimulando a participação no curso.

Outro personagem, nem mais nem menos importante que Maltez foi o Professor João Alfrêdo Soares de Quadros. Este, em sua trajetória sempre se pautou pelo seu perfil cooperativo, desbravador e entusiasmado.

João Alfrêdo, ao final das atividades do Curso de Iniciação Esportiva promovido pelo SESI, foi indicado para o cargo de Chefe do Serviço de Esportes.

João Alfrêdo, estatístico, técnico de basquete e de voleibol, radialista e gestor esportivo, chega ao SESI com um currículo administrativo e esportivo de larga experiência e tornou-se um dos personagens mais importante para a GR em nosso estado. Sua atuação foi diferenciada, justo pela condição da modalidade na época, ainda em fase de organização e implantação, diferente das outras que foram trabalhadas no Curso. Como gestor esportivo do SESI, seu apoio foi de fundamental importância, tendo investido em ações e projetos que contribuíram para colocar as equipes de GR do SESI como referência no cenário estadual e nacional. Mais recentemente, em 2015¹⁷, este mesmo Professor foi reconhecido com título de Cidadão baiano.

Como estava previsto, ao fim do Curso, foram admitidos como professores para o quadro efetivo do SESI, nas modalidades de basquete, ginástica rítmica, natação, judô, voleibol, os professores que dariam continuidade ao atendimento do usuário e seus dependentes.

Durante o Curso de Iniciação Esportiva do SESI para formação de professores, usuários e seus dependentes, onde a autora foi aluna, a Ginástica Rítmica foi apresentada pela professora Hannelore Fahlbusch (1973, p. 1) com a denominação Ginástica Rítmica Moderna e no desenvolvimento prático e teórico do curso trabalhou com o seguinte conceito:

Por ginástica se entende movimentos escolhidos e combinados com a função de desenvolver harmoniosamente o corpo, produzir saúde mental e física. Nos jogos os movimentos do corpo são feitos em função de uma técnica e têm um fim predeterminado. A ginástica diferentemente dos jogos, sujeita-se às necessidades imediatas do indivíduo, tratando-o mais em detalhe, dando aos seus músculos um

¹⁷ Projeto de Resolução Nº 2.410/2015 - Concede o Título Honorífico de Cidadão Baiano ao João Alfrêdo Soares de Quadros.

trabalho maior e mais localizado, de acordo com suas necessidades pessoais. (FAHLBUSCH, 1973)

Na proposta da professora o tratamento dado a esta expressão do movimento não corresponde ao conceito da GR de ontem e de hoje, pois nem os aparelhos eram citados, e entre os objetivos apresentados estava, “[...] compensar a falta de movimentos naturais no homem moderno, mormente tendo em vista o sedentarismo da vida contemporânea”. (FAHLBUSCH, 1973, p. 1) Assim trabalhamos com uma atividade ginástica mais voltada para as questões estéticas do que esportivas.

A questão não atrapalhou o desenvolvimento das atividades, nem trouxe prejuízos para o aprendizado e troca de saberes entre os participantes, professores e alunos, mas ajudou a esclarecer sobre as denominações e conceitos aplicados a cada modalidade de ginástica.

Foi a partir destas experiências, que eu, aqui como autora e a época participante do Curso, tive a oportunidade de iniciar o trabalho com a Ginástica Estética e a Ginástica Rítmica para os industriários e seus dependentes. A partir da proposta da unidade em desenvolver as modalidades implantadas no projeto inicial, a oferta destas modalidades foi ampliada, de acordo com o interesse da comunidade.

A partir de então a implantação da GR no CAT ITAPAGIPE serviu de referência no Estado da Bahia durante mais de vinte anos, oportunizando a prática deste desporto para todos os interessados da comunidade de Salvador, na faixa etária estabelecida pelo órgão, com destaque para cerca de duzentas ginastas circulantes nas equipes representativas e de cinquenta que se destacaram individualmente, como representantes das equipes de GR em competições dentro e fora do nosso estado.

A primeira experiência competitiva foi no II Campeonato Norte-Nordeste de Ginástica Rítmica Moderna, a GR era assim denominada neste período, em Aracajú, SE, em outubro de 1974, quando encontramos a professora Daisy Barros, que percebendo a inexperiência do grupo se prontificou a colaborar na orientação do grupo.

Daisy Barros, baiana de nascimento, em sua entrevista informa que frequentou as aulas de Ginástica Rítmica no Clube Fantoche da Euterpe, com a

professora Rosa Gemal¹⁸, entre 08 a 12 anos e a partir desta aprendizagem, passou a fazer parte da Seleção Baiana de voleibol do Esporte Clube Vitória. Logo depois foi morar no Rio de Janeiro para estudar na Escola de Educação Física na Universidade do Brasil, e a partir de então passou a frequentar o Curso de Ginástica Moderna com a professora Ilona Peuker, o que definiu sua escolha pela Ginástica Rítmica.

Além da sua disponibilidade e contribuições como atleta e gestora para desenvolvimento e organização da modalidade em todo o Brasil, destacamos sua ligação afetiva com a Bahia, como um personagem técnico-afetivo, proporcionando incentivo para acompanharmos, participarmos e avançarmos na construção da GR.

Outro ponto de apoio ao desenvolvimento da BR na Bahia foi a própria Confederação Brasileira de Ginástica, que teve em sua Presidenta, por cinco mandatos, Vicélia Florenzano, uma grande incentivadora para o desenvolvimento da GR em nosso estado, que há trinta e oito anos atrás, colaborou para nossa autonomia culminando com a presença de uma ginasta baiana Marcela Menezes na Seleção Olímpica de Pequim em 2008.

Reconhecemos que um personagem no cinema ou no teatro revela-se pela interpretação, pelos gestos e movimentos característicos da época em que foi situada a história, e conteúdo do texto apresentado enquanto que nesta narrativa o nosso eixo gira em função da construção de uma história que se organiza nesta narrativa. Consideramos o personagem como o suporte das transformações desta narrativa, que é constituída pelo acúmulo de informações facultadas sobre o que este ou esta fez e faz pela matéria aqui desenvolvida. Assim reconhecemos a existência e importância dos processos que permitem localizar e identificar cada um das figuras representativas neste processo.

Outra colaboradora para o desenvolvimento da organização da GR em nossa cidade foi Ingeborg Ingrid Crause. Brasiliense começa sua carreira esportiva desenvolvida entre as décadas de 1950 e 1960, conquistando títulos e medalhas pela Seleção Brasileira Feminina de Voleibol no Campeonato Sul-Americano de 1958 e 1961 e nos Jogos Pan-Americanos de 1963. Ao finalizar esta carreira, abraçou a Ginástica Rítmica e tornou-se também uma referência nos estudos na área acadêmica, quando defendeu em 1985, sua dissertação na Universidade

¹⁸ Em sua entrevista Daisy Gemal declara que a professora Rosa era formada pela Medau Schulle da Alemanha.

Federal do Rio de Janeiro – Centro de Ciências da Saúde – Escola de Educação e Desportos, “Ginástica Rítmica Desportiva: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação da ginasta”. Ingeborg ainda mantém laços estreitos com as técnicas de avaliação de arbitragem na GR.

Em sua trajetória dedicada à GR, a partir da década de 1970, Ingeborg dedicou um espaço do seu tempo para a Bahia¹⁹, que se traduziu em apoio técnico e um interesse especial para desenvolvimento da modalidade em nosso estado. Reconhecendo o esforço desenvolvido na Bahia, seja no nível escolar ou no competitivo e ainda, o incentivo da modalidade em clubes e agremiações esportivas, Ingeborg oportunizou a participação baiana, em específico da própria autora, em cursos de iniciação e aperfeiçoamento técnico-pedagógico, de arbitragem e fundamentos de administração esportiva, o que proporcionou que eu, aqui como autora, pudesse ter representatividade como técnica de várias seleções estudantis representativas do Estado da Bahia, árbitra da modalidade em edições dos JEB'S e como técnica das equipes do SESI nos Campeonatos Brasileiros de Clubes, organizados pela Confederação Brasileira de Desportos-CBD / CBG e como árbitra da modalidade, em edições dos campeonatos brasileiros de clubes, inclusive na organização, juntamente com a CBD e o SESI-BA, do Campeonato Brasileiro de Clubes em 1978, que teve como sede a cidade de Salvador, BA.

Em outra ponta, estava a Professora Cacilda Souza. Baiana de Santo Amaro, vizinha, amiga e companheira, colega da primeira turma de Educação Física da UCSAL, durante as aulas práticas e teóricas, nos estudos dos conteúdos da faculdade. Entre idas e vindas pude apresentar a GR a Cacilda. A parceria na faculdade e na quadra contribuiu para desenvolvermos em Salvador uma equipe de árbitros e darmos suporte as professoras, antes atletas que começaram a despontar em escolas da rede pública e particular de nossa cidade.

A parceria na faculdade e na quadra contribuiu para desenvolvermos em Salvador uma equipe de árbitros e darmos suporte as professoras, antes atletas que começaram a despontar em escolas da rede pública e particular de nossa cidade. Esta personagem não deixava passar nem de alertar para a importância da nossa função de educadoras ou do papel de intervir na funcionalidade da GR, classificada como protagonista da nossa história.

¹⁹ Em entrevista Ingrid declara as produções na Bahia.

Em seu período de desenvolvimento, na década de 1970, a Ginástica Rítmica apresentada e em fase de desenvolvimento, exigia que o acompanhamento musical para as séries individuais e/ou de conjunto fossem feitos em piano, por apenas um pianista e gravadas em uma fita cassete para cada série.

Nesta ação de implantação da modalidade em todo o país, era uma dificuldade, mas que em breve seria resolvida e neste processo de evolução, assim como foram definidos os aparelhos, o acompanhamento musical também era motivo de estudo.

Ingeborg Crause (1985) defende que a GR em sua concepção mais moderna estabelece a integração música e movimento por meio de formas ou desenhos espaciais ritmicamente progressivos, assim é necessário encontrar uma música, a música ou uma combinação de sons especialmente compostos que irão sustentar a coreografia, ou seja, a composição de uma série de Ginástica Rítmica.

Considerando esta exigência quanto ao acompanhamento musical, nos primeiros trabalhos com as equipes do SESI, se contou com a colaboração do pianista Carlos Lacerda, baiano, que em 1959 fundou sua primeira orquestra com 30 integrantes, gravou o disco *Carlos Lacerda – piano de informal (e bossa)*, e que nunca se furtou a aprender com a ginástica, preparando “arranjos” para as séries individuais e ou de conjunto. Foi uma descoberta orquestrada pela sensibilidade, tanto pelo instrumentista, quanto pelo grupo de professora e ginastas.

Carlos Lacerda é um nome popular na cidade de Salvador e no Estado da Bahia, principalmente por causa do Elevador Lacerda, e por não querer viver das glórias da família, fez seu caminho e marcou sua presença, dando à família de engenheiros, a sonoridade da música.²⁰

Músico, compositor e pianista, neto do engenheiro Lacerda, que projetou o elevador Lacerda, em Salvador, iniciou seus estudos de piano aos seis anos de idade, fez cursos nos Seminários Livres de Música, mais tarde transformado na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Estudou harmonia e contraponto com Yullo Almirante Brandão, piano com Pierre Klose e regência e orquestração com H. J. Koellreutter, e apesar de ter se tornado músico erudito, e ser mais conhecido como executante de música clássica, tendo atuado em vários recitais em Salvador, aceitou o conselho do pianista e professor Bené Nunes,

²⁰ Informação sobre Carlos Lacerda Disponível em:<<https://www.letas.com.br/biografia/carlos-lacerda>>. Acesso em: 30 out. 2017.

passando a dedicar-se à carreira popular. Nasceu em Salvador, no dia 26 de outubro de 1934 e faleceu, aos 40 anos de idade.

Chegando aos fins da década de 1970, pude iniciar a representação da Bahia nos jogos Escolares Brasileiros, com as ginastas formadas nas primeiras turmas de GR do SESI. Neste momento o gestor na Secretaria de Educação era Juracy Rocha. Apoiador e admirador da modalidade e responsável por coordenar eventos esportivos estudantis, nos quais também a GR era disputada, coube a Juracy acompanhar as competições, além de tomar decisões com respeito à composição das delegações.

Natural de Cachoeira, no Recôncavo Baiano Juracy Rocha dedicou-se ao esporte em sua cidade natal e foi responsável por apoiar e estimular a prática da GR em nosso estado, quando esteve servindo na SUDESB.

Outra razão que marcou o envolvimento de Juracy com a GR, foi o fato de fazer parte da comissão de avaliação do Programa Bolsa Esporte, onde são julgados os projetos para concessão de bolsas aos atletas, o que colaborou bastante para o crescimento da modalidade em nossa cidade.

Muitos outros colaboraram para a nossa formação e os citados neste trabalho são representantes dos anônimos, pais, amigos, companheiros, costureiras, bordadeiras, técnicos de som, aqueles que mixaram nossas músicas, funcionários, árbitros, público, entre tantos personagens invisíveis e tão presentes e necessários para esta construção coletiva que é a Ginástica Rítmica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, de certa forma, assumiu um caráter de ineditismo e ousadia. Ineditismo pela ausência de pesquisas correlatas na Bahia, estudos que desse conta de nosso objeto específico, a GR e ousadia, por termos tentado tratar de uma modalidade, em seu percurso histórico, numa história recente, da qual, eu, aqui como autora, efetivamente fiz parte, nas mais diversas funções.

Sendo assim, compreendemos que nosso estudo abre portas, para outros que assumam o desafio de continuar a narrar a trajetória histórica da GR, ou mesmo, que procurem ver a modalidade, nas suas mais diversas representações.

Esta “abertura” de portas, não significa dizer que aqui esgotamos a possibilidade a qual nos detivemos, ao contrário, tendo sido uma história contada por a viveu de dentro, outros olhares, agora de “fora”, podem ser fundamentais para que criem novas interpretações.

Sendo alguém de dentro, as paixões com o tema nos pareceram, muitas das vezes naturais, sendo assim, sob a perspectiva histórica, os dados, foram essenciais para balizar nossa construção e mesmo apresentarem novas versões.

Em nossa organização dessa dissertação, procuramos apresentar os elementos que fundamentam a construção da GR, desde aquilo que hoje podemos chamar de raízes, até suas “indefinições” mais recentes, a exemplo da prática masculina. Nisso, trazer os nomes, as fases, as escolas e movimentos foi essencial, até mesmo para localizar o leitor menos familiarizado com a modalidade e aqui, claro, falamos num plano mais geral, de caráter até mesmo Universal.

Noutro ponto, nos focamos em tratar a Bahia, cidade sede de nossa vivência, de nosso interesse. Aqui, a perspectiva foi mostrar nomes, fatos, instituições e situações, que foram essenciais ao desenvolvimento da GR e aqui, exatamente falando da Bahia, que eu, autora, me vi mais que tudo envolvida. Neste estrato de minha vida, atuo aqui como pesquisadora, de um tema, do qual eu sou parte direta e assim, fui elemento daquilo que eu própria narrei e analisei e claro sabidamente, isto não é uma tarefa simples, afinal, aqui, todo o envolvimento poderia, ao invés de esclarecer, obscurecer meu olhar. Para melhor “clarear” nossa visão, procurei trazer também outros tantos nomes e outros tantos poderiam ter sido trazidos, para que não assumisse o texto, um ar biográfico.

É por reconhecer que outras interpretações devem existir, outros nomes devem ser apontados, é que reconhecemos as limitações da obra, fato natural a quem, neste momento, mescla a condição de uma professora experiente, com uma pesquisadora iniciante. Ao mesmo tempo, sabemos que o aqui apresentado, pode ser sim, uma leitura de iniciação ao tema, tanto para os interessados na GR, quanto para quem procurar a Bahia.

Sabemos que no Brasil e na Bahia não foi diferente, o esporte teve assento de seu desenvolvimento nos clubes e entidades reguladoras, como órgãos que propiciavam e controlavam a prática, entretanto, para a GR na Bahia, a situação foi diferente.

Em nosso estado, para a GR, a escola foi um espaço fundamental ao seu desenvolvimento. Tendo sido o cenário de instalação da GR, desde suas experiências iniciais, como Ginástica Feminina, em aulas regulares de Educação Física. A escola foi lugar privilegiado por permitir que a prática, até então com ares de ineditismo e ainda em processo de estruturação, pudesse ser apresentada a um sem número de alunas, nas mais diferentes situações e contextos. Associado ao espaço em si, as competições escolares se tornaram palco para um maior transparecer da modalidade a pessoas, que ainda não haviam tido contato com ela.

Aqui, quando falamos de escola, nos reportamos a todo ambiente educativo, inclusive as chamadas escolinhas esportivas, caso do SESI. Se até os anos de 1970, as escolas regulares, inclusive as clássicas como o ICEIA foram cenário para a ginástica, a partir daí, os centros de formação esportiva ganharam espaço, sem que as escolas o perdessem.

Nesse contexto, o SESI assumiu centralidade, justo por permitir o desenvolvimento de um espaço próprio da GR. Outro fator importante é o fato das dependências desta instituição, estarem localizadas numa zona bucólica, que está no tradicionalíssimo imaginário popular soteropolitano, a Cidade Baixa, mais especificamente, a Península Itapagipana. Com ares populares e ao mesmo tempo tradicionais, este sítio da cidade, sem dúvida, contribuiu para que a GR melhor se desenvolvesse, pois, menos sujeito às pressões urbanas, as práticas ganharam lugar, inclusive as ruas, literalmente.

Tão fundamental nesta história quanto os espaços, são os personagens, professores e gestores. Os espaços só ganham sentido com sua atuação.

Como toda parcela de desenvolvimento de atividades humanas, quem dela faz parte e atua diretamente, dá direção e sentido àquilo que quer ver projetar. E assim, se deu com a GR na Bahia. As formas de atuação, o envolvimento cotidiano, a crença nos valores da modalidade, o interesse por fazer crescer, fizeram com que profissionais fossem pilares para que a GR baiana ganhasse notoriedade. Aqui, não falamos apenas dos que estavam na Bahia, mas também de quem de fora via esse movimento e pode contribuir, criando condições de aprimoramento e desenvolvimento, seja pela qualificação da formação, seja pela especialização de funções, seja dando visibilidade ao trabalho, enfim, aquilo que se fazia em terras baianas, ganhou apoio de fora e isto foi fundamental.

Ao falarmos de profissionais, devemos também nos reportar as instituições formadoras. A oportunidade da Bahia ter tido seu primeiro Curso formador, nos anos de 1970, também deu impulso a GR. Nele, quem já tinha contato com a modalidade pode melhor se qualificar e quem não tinha, teve a oportunidade de ser apresentado. Assim, o número de pessoas capacitadas a atuar com a GR aumentou, fazendo crescer também seus espaços de intervenção.

Vale destacar que a Bahia viu as pessoas que tiveram contato com a prática da GR se manterem dentro dela, quando, já em vida adulta, assumiram a função docente. Por fim, nesse conjunto de situações, queremos aqui dizer que a GR, em sua história na Bahia, passou por fases, viveu momentos, teve agruras e alegrias, criou condições de aproximação de pessoas, não só praticantes, mas interessados em geral, enfim, a GR assumiu uma centralidade, pouco vista em outras modalidades, a exceção do futebol.

As paixões são naturais e até nítidas em nosso desenrolar interpretativo, mas fugir delas seria também nos ausentar de uma “honestidade intelectual e pessoal” necessária, a quem quer fazer da produção acadêmica, algo com sentido e valor. Reconhecer a importância na continuidade da pesquisa como autora e professora, o que faço cotidianamente, ampliar os estudos ciente de que dados e informações existem, pessoas com quem falar há, enfim, trabalho há de pintar por aí.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Heloisa. *Ginástica Rítmica: construindo uma metodologia*. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Faculdade de Educação Física, Unicamp, 2000.

ARANTES, André; MARTINS, Francisco; SARMENTO, Pedro. Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, Portugal, v. 8, n. S2, p.916-924, 2012. Suplemento do 1º EPEPS. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/pdf/2730/273023568116.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2017.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

BAHIA. Lei Delegada 37, 14 de março de 1983. **Cria a Superintendência de Desportos do Estado da Bahia - SUDESB e dá outras providências**. Disponível em:< <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/70038/lei-delegada-37-83>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BEGOSSI, Tuany Defaveri; MAZO, Janice Zarpellon. Ginástica alemã e ginástica feminina moderna: práticas destinadas às mulheres. **Revista do Departamento de Educação Física e Saúde e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul**,v. 6,n. 4, p. 306-311, out./dez. 2015. Disponível em:<<https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/viewFile/6801/4753>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. História de vida: trajetória de uma professora de educação física. **Motriz**, Rio Claro,SP, v. 3, n. 2, p. 108-115, dez. 1997. Disponível em:<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n2/3n2_ART07.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

BETTI, Mauro. **A Educação física na escola de 1º e 2º graus no período de 1930-1986: uma abordagem sociológica**. 1988. (Dissertação de Mestrado) São Paulo, Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de São Paulo, 1988,

BODO-SCHIMID, Andrea. **Gymnastique rythmique sportive**. Paris: Editions Vigot, 1978.

BOTTI, Marise; WITKOVSKI, Vivian. **As possibilidades da ginástica rítmica nas aulas de educação física escolar**. Trabalho apresentado durante o XVII CONBRACE/IV CONICE, 2011, Porto Alegre. Disponível em:<<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/3646/1540>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRITO FILHO, Wilson de Lima. **Universidade Federal da Bahia e a história do lazer na cidade da Bahia: rotas, rotinas e rupturas no século XX: 1945-1955.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CANALDA LLOBET, Anna. **Gimnasia rítmica deportiva: teoría y práctica.** Barcelona: [Paidotribo], 1998.

COELHO, Johanna Ermacovitch. **Inserção dos meninos no universo cultural da ginástica rítmica: pesquisa-ação na Federação Riograndense de Ginástica.** 2016. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CORAT, Larissa; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Análise da concepção de corpo na ginástica rítmica: um estudo dos manuais de 1932 a 1958. **Record: Revista de História do Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2012. Disponível em: <http://www.usp.br/ludens/images/publicacoes/ANALISE_DA_CONCEPCAO_DE_CORPO_NA_GINASTICA_RITMICA.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2017.

CRAUSE, Ingeborg Ingrid. **Ginástica rítmica deportiva: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação da ginasta.** 1985. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Ciências da Saúde. Rio de Janeiro, 1985.

DACOSTA, Lamartine Pereira. (Org.) **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil.** Rio de Janeiro : Shape, 2005.

DALLO, Alberto R. **A ginástica como ferramenta pedagógica: o movimento como agente de formação.** Tradução José Geraldo Massucato. São Paulo: EDUSP, 2007.

FAHLBUSCH, Hannelore. **Ginástica rítmica moderna.** [Rio de Janeiro]: SESI, 1973. Paginação irregular. (Cadernos de Iniciação Esportiva)

FARIAS, Cláudia Maria de. **Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979.** 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2012.

FERRARO, Alcyr Naidiro. **A educação física na Bahia: memórias de um professor.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLOR, Patrícia. Esporte feminino venceu preconceitos e tradições. **Livresportes: Revista Digital Especializada, Hortolândia**, SP. 2011. Não paginado. Disponível em: <<http://www.livresportes.com.br/reportagem/esporte-feminino-venceu-preconceitos-e-tradicoes>>. Acesso em: 4 maio 2017.

FLORES, Amanda Azevedo. **Ginástica em academia: compreensões sobre o planejamento de aulas em Salvador**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GAIO, Roberta. **Ginástica rítmica desportiva “popular”**: uma proposta educacional. 2. ed. São Paulo: Robe, 2007.

_____. Ginástica rítmica na escola: ações e reflexões. In: _____; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas (Org.). **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2010. p. 227-247.

GALEFFI, Dante Augusto. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante Augusto; PIMENTAL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-73.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade**. In: OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre. Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Maringá, PR: EDUEM, 2009. p. 73-88.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Rio de Janeiro, p. 71-83, mar. 2010.

_____. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 34, p. 45-52, nov. 2012. Dossiê: Uma história do esporte para um país esportivo. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042013000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 out. 2017.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, nov. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/106/2275>>. Acesso em: 1º maio 2017.

INSTITUTO Normal da Bahia (atual ICEIA), Salvador / Bahia (Brasil). Disponível em: <<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/2010/10/instituto-normal-da-bahia-atual-iceia.html>>. Acesso em: 26 maio 2017.

INSTITUTO PROFESSOR RAIMUNDO PINHEIRO. Disponível em: <<http://www.cidadedosaber.org.br>>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

LAFFRANCHI, Bárbara. **Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica**. Londrina, PR: Unopar, 2001.

LANGLADE, Alberto; LANGLADE, Nelly Rey de. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.

LEITE, Rinaldo C. N.; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; SANTOS, Henrique SENA dos. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. v. 1, p. 213-239.

LLEIXÀ, Teresa Arribas. **A educação física de 3 a 8 anos**. Tradução Fátima Murad. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACHADO, Aline Gomes; PIRES, Roberto Gondim. Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de educação física. **Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 360-375, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p360>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

MARINHO, Inezil Penna. **Educação física, recreação e jogos**. Rio de Janeiro: Tip. Baptista de Souza & Cia., 1957.

_____. **História da educação física e dos desportos no Brasil**. Brasil Colônia – Brasil Império – Brasil República. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Divisão de Educação Física, 1953. v.3. (Documentário e Bibliografia)

MELO, Victor Andrade de. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos**: uma possível história. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, 1996.

_____. **Esporte e lazer**: conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a. (Sport: Historia)

_____. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira Ciência Esporte**, Campinas, SP, v. 32, n. 1, p. 41-57, set. 2010b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892010000400004&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 19 abr. 17.

_____ et al. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

_____; FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1180>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

MENEZES, Edvaldo Conceição de et al. **Cidade do Saber**: ferramenta de inclusão social? 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, Bahia, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/548/1/Edvaldo%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20de%20Menezes.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NEDIALKOVA, Giurga T.; SOARES, Artemis A.; BARROS, Daisy Regina Pinto. **Ginástica rítmica: em busca de novos talentos**. Petrópolis, RJ: Portal Literário Editora, 2006.

O'FARRILL HERNÁNDEZ, Alejandra; SANTOS BOUZA, Amalia. **Gimnasia rítmica deportiva**. Buenos Aires: Stadium, 1982.

PALLARÉS, Zaida. **Ginástica rítmica**. Porto Alegre: Redacta, 1979.

PEREIRA, Alex. Ensaio: a colina sagrada era uma ilha. **A Tarde**, Salvador, 30 maio 1993. Caderno 2, p. 1.

PEREIRA, Hosana Claudia Matias da Costa. **Ginástica rítmica: um concerto para o corpo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

PEUKER, Ilona. **Ginástica moderna com aparelhos**. São Paulo: Difel, 1976.

_____. **Ginástica moderna sem aparelhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fórum, 1974.

PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Primeiro curso de educação física na Bahia: trajetórias e personagens. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 205-223, jan./mar. 2014.

I CURSO de iniciação esportiva. **Boletim das Indústrias FIEB**, Ano 8, n. 105, p. 11, dez. 1973.

PUBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. Guarulhos, SP: Phorte, 1998.

RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. **Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. 2011. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. A organização do campo da educação física: considerações sobre o debate. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 69-78, jul./dez. 2005.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; SANTOS, Henrique Sena dos. **Primórdios do esporte no Brasil**: Salvador. Manaus: Reggo, 2015.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Marzy Perim dos et al. A ginástica rítmica desportiva e as concepções pedagógicas de educação física. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Ensaio**: educação física e esporte. Vitória: UFES, 1994. p. 171-193.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 3, 2009. Não paginado. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6766/5982>>. Acesso em: 22 out. 2017.

SESI lança programa de esportes em todo país. **Boletim das Indústrias FIEB**, Ano 8, n. 104, p. 4, dez. 1973.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

TIBEAU, Cynthia C. Pasqua. Estratégias de ensino na ginástica rítmica. In: PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (Org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 269-293.

TOLEDO, Eliana de. Estética e beleza na ginástica rítmica. In: PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (Org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 19-44.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

VIEIRA, Priscila. **Como são escolhidos os esportes olímpicos?** [2009] Disponível em: <<http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/outubro2009/materias/esportes.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

XAVIER, Thiago. **Conhecendo a ginástica rítmica masculina**. 2012. Disponível em: <<http://ginasticageral.blogspot.com.br/2012/11/conhecendo-ginastica-ritmica-masculina.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

- 1) Qual seu envolvimento com a GR?
- 2) Tem alguma formação específica em nível superior?
- 3) A formação modificou em algo seu envolvimento com a GR?
- 4) Atualmente, qual a sua relação com a GR?
- 5) Possui alguma aproximação com a GR da Bahia

ANEXO A

Ginástica, texto produzido por Maria Elisa Gomes Lemos, publicado no *SESI/Esporte*, Ano 1, n. 2, nov.1974. Primeira equipe representativa do SESI.



SESI
ESPORTE

BOLETIM QUINZENAL DE ESPORTES DO SESI-BAHIA

ANO I

NÚMERO 2

~ 30-11-74 ~

GINÁSTICA

Maria Elisa Lemos Gomes
Professora de Ginástica Feminina
do SESI – DR. Bahia.

Na educação do ser humano existe uma fase que se servindo do exercício corporal, ajuda a aperfeiçoar a vontade. É a educação física.

Dizemos que educação física é a reunião de atividades utilizadas para o desenvolvimento total da personalidade do homem. A ginástica ocupa nos dias atuais, lugar proeminente em um programa de Educação física e saúde.

O mundo atual, grandemente tecnológico e influenciado por inúmeros processos de automação, passa por uma evolução psicossocial. O homem moderno cada vez mais mecanizado reduz a quantidade da energia física por ele consumida. As novas descobertas, realmente, estimulam a falta de atividade física, tornando o homem do futuro um obeso, em virtude da vida sedentária e do pouco esforço muscular.

A ginástica, a dança, os jogos e os desportos são os meios principais de exercício físico utilizados para conseguirmos o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das qualidades físicas, morais, sociais, intelectuais e espirituais do homem.

O que entendemos por ginástica? São movimentos escolhidos e combinados com a função de desenvolver harmoniosamente o corpo, produzir saúde mental e física. É imperioso, pois, que nossas crianças sejam educadas dentro das novas concepções da necessidade de atividade física e de movimento corporal. Os jogos, os desportos são atividades — meio da educação, portanto, devem ser praticados

Equipe de ginastas do SESI que participou do II Campeonato Norte Nordeste de Ginástica Rítmica Moderna.



por todos os indivíduos indistintamente. A ginástica diferentemente dos jogos, sujeita-se às necessidades imediatas do indivíduo, tratando-o mais intimamente, dando aos seus músculos um trabalho maior e mais localizado, de acordo com as suas necessidades pessoais. A ginástica visa compensar o homem moderno da falta de movimentos naturais em vista de sua vida sedentária. Esta vida sedentária pouco a pouco diminuiu a resistência física e orgânica e, em consequência aumentou as doenças. Ao praticarmos a ginástica de forma metódica e racional corrigimos defeitos físicos e funcionais, mantemos a mente equilibrada e o sistema nervoso tonificado. Além destes, temos os seguintes efeitos fisiológicos: ativa a circulação, excita a respiração, facilita a excreção renal e as funções cutâneas, torna os músculos mais rijos, as articulações mais flexíveis, facilita as contrações no trabalho de parto e aformoseia o corpo. A fim de que a ginástica produza no organismo os resultados esperados, é indispensável que cada exercício seja executado pensando em sua finalidade: para que serve, que parte do corpo terá de trabalhar. Em um simples exercício devemos saber os principais músculos a trabalhar, suas funções e seus movimentos; podemos no entanto, trabalhar sem este conhecimento, mas uma noção a respeito ajudará a melhor execução do movimento. A postura, atitudes corretas, são fundamentais para moldar um corpo, já que é impossível fazê-lo sem antes se modificar os maus hábitos adquiridos.

A ginástica ajuda a controlar a obesidade, a celulite, as varizes. Logo a prática da Educação Física necessariamente contribui para a saúde. Só se consegue graça e elegância se houver a preocupação constante da colocação do corpo na posição correta.



Equipe de Basquetebol Mirim do SESI, participando das comemorações de aniversário do Clube de Regatas Itapajipe.